

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

Elizangêla de Rezende Silva

**A ESCOLA MARIA SALOMÉ E A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM
PARANAÍBA/MS (1955 -1980): repertório de fontes**

Paranaíba/MS

2015

Elizângela de Rezende Silva

**A ESCOLA MARIA SALOMÉ E A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM
PARANAÍBA/MS (1955-1980): repertório de fontes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS,
Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência
parcial de Licenciatura do curso de Pedagogia.
Linha de pesquisa: Linguagem, Literatura, Educação e
Sociedade.

Orientadora: Profª Drª. Estela Natalina Mantovani
Bertoletti

Paranaíba/MS

2015

S579e Silva, Elizangêla de Rezende

A escola Maria Salomé e a escolarização da infância em Paranaíba/MS (1955 – 1980): repertório de fontes. / Elizangêla de Rezende Silva. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2015.
59f.; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. História da escola primária. 2. Escola rural. 3. Escolarização da infância. I. Silva, Elizangêla de Rezende. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 370.09

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

ELIZANGÊLA DE REZENDE SILVA

**A ESCOLA MARIA SALOMÉ E A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM
PARANAÍBA/MS (1955-1980): repertório de fontes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovada em 23/11/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^o. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^o. Me. Jémerson Quirino de Almeida
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

**A minha família, em especial,
as minhas filhas Aynne e Anahê.**

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder o dom da vida e sabedoria para trilhar meu caminho.

À Profª Drª Estela Natalina Mantovani Bertoletti que me orienta desde o primeiro ano quando iniciei em Iniciação Científica; agradeço pelas orientações e por ter me norteando a cada obstáculo encontrado.

Ao meu esposo, Gilmar Batista da Silva, pelo companheirismo e compreensão.

A minhas filhas, Aynne e Anahê, por se esforçarem em me ajudar nos momentos de ansiedade e compreenderem a minha ausência.

A minha mãe, Zanilda de Rezende, que sempre fez tudo para satisfazer meus caprichos.

Ao homem, ao pai que me criou, Odonil Martins de Oliveira, pois tudo que sou devo a ele.

Ao meu avô, Jeronimo Izidorio da Silva, que sempre me ajudou com muito carinho.

A minha amiga e companheira de trabalho, Cristiana Bigena, que me aguentou nos momentos de crises nervosa, sempre me ouvindo atentamente e dando o maior apoio e força, pois acredito que se precisar ela defende o trabalho em meu lugar de tanto que me ouviu.

A todos os meus colegas de sala pelos momentos juntos vividos, pois sabemos que nem tudo são flores, mas tudo valeu a pena e nada será esquecido.

A minha amiga, Daniela Ferreira dos Santos, de início não tínhamos muita amizade, mas o tempo foi passando e surgindo afinidades e veio Platão para nos unir, pois a cada capítulo tínhamos que trocar informações para ter certeza de que não estávamos enlouquecendo.

A minha amiga Mariane Fernandes da Silva sempre companheira e desde o primeiro ano me ajudando com a tecnologia (notebook) e também com as dúvidas com os trabalhos.

A Escola Estadual José Garcia Leal, em especial ao diretor Osmar Higinio Barreto, que tornou minha pesquisa mais fácil, pois me permitiu entrar na escola e localizar as fontes de que precisava.

Aos órgãos que me financiaram desde o meu primeiro ano, CNPq¹ e CAPES², pois no primeiro ano com bolsa de Iniciação Científica tive o primeiro contato com meu objeto de

¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.

pesquisa, e no terceiro ano quando deixei a bolsa do CNPq iniciei no PIBID³ com bolsa da CAPES.

E a todos os professores do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, que fizeram parte de minha formação.

³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Não deixe de fazer algo que gosta,
devido à falta de tempo,
pois a única falta que terá,
será desse tempo que
infelizmente não voltará.

(MARIO QUINTANA)

RESUMO

O presente trabalho foca a Escola Maria Salomé e as fontes documentais relativas à escolarização nessa instituição, entre 1955 e 1980. Essa escola foi muito importante para a região onde estava localizada – zona rural do município de Paranaíba/MS – e o interesse veio por saber que nenhum trabalho foi produzido sobre ela. O objetivo dessa pesquisa é contribuir para a produção de uma história da escolarização da infância em Mato Grosso (do Sul) e no Brasil, a partir de fontes de uma instituição escolar primária, assim como localizar, selecionar e ordenar fontes documentais sobre a escola Maria Salomé; descrever e analisar essas fontes para compreender a escolarização da infância nesse núcleo de ensino e contribuir para pesquisas correlatas. Essa pesquisa se insere no âmbito das pesquisas históricas em Educação que não visam ao julgamento de valor, nem à assunção do ponto de vista defendido pelos sujeitos envolvidos, nem à exorcização do passado. A abordagem histórica do tema está centrada em pesquisa documental da Escola Maria Salomé, de fontes primárias (documentos impressos ou manuscritos), recolhidos em acervos particulares e arquivo escolar. A Escola Maria Salomé funcionou em Paranaíba no período de 1955 a 1980, tendo sido fundada em 15 de maio de 1955 como Escola Reunida Maria Salomé, em 1974, foi denominada de Escola Estadual de Primeiro Grau Maria Salomé, e em 1980 foi fechada. Essa escola tinha capacidade para atender anualmente a 160 alunos, sendo 80 no período matutino e 80 no período vespertino e chegou a atender até alunos da 4ª série. No desenvolver da pesquisa foi possível elaborar quadros com nomes de professores e funcionários dessa escola, assim como também levantamento sobre quantia de alunos matriculados e conteúdos trabalhados.

Palavras-chave: História da escola primária. Escola rural. Escolarização da infância.

ABSTRACT

This present work focuses on the School Maria Salomé and documentaries sources relating to education in this institution from 1955 to 1980. This school was very important in the region where it was located - rural municipality of Paranaíba / MS - the interest of realize this research came from the information that no work has been produced about this school. Then, this research aims to contribute to the production of a history of childhood education in Mato Grosso (South) and Brasil, from sources of a primary school institution, as well as locate, select and order documentary sources School of Maria Salomé; describe and analyze these sources to understand the childhood education in that core of teaching and contribute to related research. This research is framework of historical research in education that not intended to value judgment, either the assumption of view held by the individuals involved, not the exorcism of the past. The history approach theme focuses on docur+y research of the School Maria Salomé, from primary sources (printed documents or manuscripts), collected from private collections and school file. The School Maria Salomé ran into Paranaíba in the period from 1955 to 1980, has founded on May 15, 1955 as School Gathered Maria Salomé and in 1974 was named State School of First Degree Maria Salomé; it was closed in 1980. This school had the capacity to receive 160 students and 80 in the morning time and 80 in the afternoon and got to meet up to 4th graders. During the developing of this research, it was possible to draw up tables with names of teachers, and staff of that school, and also a survey of amount enrolled students and work contents.

Keywords: History of primary school. Rural school. Childhood education.

ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa – Localização de Paranaíba entre os rios de Mato Grosso do Sul	21
FIGURA 2 – Mapa – Divisão de municípios de Mato Grosso do Sul	22
FIGURA 3 – Fotografia – Foto fachada da Escola Maria Salomé.....	35
FIGURA 4 – Fotografia – Planta da Escola Maria Salomé.....	35
FIGURA 5 – Fotografia Primeiro e Segundo Planos da Escola Maria Salomé	42
FIGURA 6 – Fotografia – Sala de aula (1977).....	43
FIGURA 7 – Fotografia – Sanitário (1977).....	43
FIGURA 8 – Fotografia – Quadro Curricular.....	49

LISTAS DE QUADROS

QUADRO 1 – Escolas Rurais de Paranaíba de 1952 a 1979.....	26
QUADRO 2 – Fontes para estudo da Escola Maria Salomé.....	37
QUADRO 3 – Professoras da Escola Maria Salomé (1955-1980).....	44
QUADRO 4 – Funcionários da Escola Maria Salomé (1962-1980).....	45
QUADRO 5 – Alunos matriculados (1966-1975).....	46
QUADRO 6 – Alunos matriculados e transferidos (1977-1980).....	48
QUADRO 7 – Conteúdos das disciplinas do currículo da Escola Maria Salomé.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA EM PARANAÍBA.....	21
1.1 O município de Paranaíba.....	21
1.2 As escolas urbanas e rurais em Paranaíba.....	23
2. AESCOLA MARIA SALOME E AS FONTES DOCUMENTAIS.....	32
2.1 A escola Maria Salomé no conjunto das escolas rurais de Paranaíba.....	32
2.2 As fontes da Escola Reunida Maria Salomé.....	36
3. A ESCOLA MARIA SALOMÉ E A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM PARANAÍBA.....	42
3.1 O prédio.....	42
3.2 Os professores e funcionários.....	43
3.3 Os alunos.....	46
3.4 Aspectos da escolarização de crianças na Escola Reunida Maria Salomé.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54
FONTES DOCUMENTAIS.....	56
INSTITUIÇÕES, ACERVOS E SITES CONSULTADOS.....	59

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento de pesquisa de Iniciação Científica de agosto 2012 a agosto 2013⁴, intitulada “Fontes para a história da escola primária em Paranaíba/MS⁵”, realizei localização, recuperação, digitalização e catalogação de fontes documentais em acervos particulares e arquivo escolar da Escola Estadual José Garcia Leal, localizada no município de Paranaíba/MS. Nos acervos particulares contei com a colaboração das professoras Lourdes Brito, Terezinha Garcia de Freitas e Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral e nesses arquivos foram encontrados fotos e cadernos de alunos. No arquivo escolar da Escola Estadual José Garcia Leal, localizei e recuperei: livros de pontos, registro de matrículas, livro de ata, livro de caixa, arquivo de exames, livros de movimentos, livros de portarias, livro de posse, livro de registro de ocorrências, livro de registro de ofícios. Entre esses documentos havia fontes produzidas nas Escolas Reunidas Sant’ Anna do Paranaíba, no Grupo Escolar José Garcia Leal e na Escola Maria Salomé. Essas fontes foram digitalizadas e catalogadas⁶. Com esse trabalho pude perceber que as fontes documentais são muito importantes para a história da educação e que por meio delas se pode compreender como funcionava o ambiente escolar no período em que foram registradas, no entanto, observei que as fontes estão muito descuidadas em locais inadequados e condenadas ao esquecimento ou desaparecimento, e que somente com a catalogação delas é que se pode mantê-las por um tempo maior contribuindo assim para futuras pesquisas.

O que me chamou atenção foi que das fontes localizadas no arquivo escolar, trabalhos foram produzidos sobre a Escola José Garcia Leal e Escola Reunida de Sant’ Anna de Paranaíba⁷, e da Escola Maria Salomé não se sabia muita coisa, apenas que era uma escola rural de Paranaíba; foi então que decidi estudar esta escola.

Sabendo que a história da escola primária de Paranaíba, da infância que a frequentou e da escolarização dessa infância é bastante significativa para a história da educação de Mato Grosso do Sul, sendo que os principais contribuintes dessa história – os sujeitos que a vivenciaram – se encontram com muita idade, alguns faleceram ou estão doentes, não se

⁴ Pesquisa de Iniciação Científica realizada com bolsa CNPq/PIBIC/AFF, cadastrada junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof^a. Dr^a Estela Natalina Mantovani Bertoletti.

⁵ A Escola Rural Maria Salomé, foi criada em 1955, e nesse período o estado era Mato Grosso, após o ano de 1977 é que ocorreu a divisão do estado, mas a escolha por MS se deu por Paranaíba estar situada na região que corresponde a Mato Grosso do Sul.

⁶ A esse respeito consultar relatório de Silva (2013)

⁷ A respeito da escolarização primária de Paranaíba ver: Bertoletti (2012), Honda (2013), Paxeco (2013). Castilho (2013), Oliveira (2013), Leal (2013) e Silva (2013).

lembrando de nada, a organização de fontes documentais da Escola Maria Salomé pode ajudar a contribuir com essa história uma vez que, a Escola Maria Salomé funcionou em Paranaíba no período de 1955 a 1980, tendo sido fundada em 15 de maio de 1955 como Escola Reunida Maria Salomé e, em 1974, foi denominada de Escola Estadual de Primeiro Grau Maria Salomé. Essa escola tinha capacidade para atender anualmente a 160 alunos, sendo 80 no período matutino e 80 no período vespertino e chegou a atender até alunos da 4ª série; foi uma escola muito importante para a região onde se situava, sendo a única escola rural estadual do período. No trabalho de Iniciação Científica mencionado, digitalizei e cataloguei as fontes documentais dessa escola, como informado, e observei que se faz imprescindível recuperar e preservar sua história, de modo a contribuir para a produção de uma história da escolarização da infância em Mato Grosso (do Sul) e no Brasil, pois o local é parte ativa de um todo em construção. Essa pesquisa dialoga com as demais pesquisas sobre escolarização da escola primária em Paranaíba, uma vez que, todas têm o mesmo objetivo, qual seja: contribuir para a produção de uma história de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, e o conjunto delas faz com que se compreenda cada vez mais a escolarização dessa cidade, pois é como se montasse um quebra cabeça no qual elas se encaixam e vão formando a história da escola primária de Paranaíba.

Como muitas são as dificuldades para a realização de pesquisas históricas, pois às vezes as fontes não são localizadas ou o estado de conservação delas é precário ou estão desorganizadas e o pesquisador tem que buscar formas alternativas de se obter informação para que se tenha uma melhor compreensão, é que essa pesquisa pode contribuir.

É muito importante uma organização das fontes, pois segundo Belloto (2008), por meio dessa organização possibilitam-se a novos pesquisadores novas pesquisas com olhares diferentes sobre as mesmas fontes. Belloto (2008) compreende que é a boa relação entre as fontes documentais e o pesquisador que se torna possível e compreender o passado, e trazer para o presente os obstáculos vencidos anteriormente para que se possa buscar soluções com base nesses dados, assim se começa do vazio ou sem ao menos compreender o porquê. De acordo com Belloto (2008), as fontes carregam muitos dados em si, mas é preciso saber do que se trata e não as receber de forma incorreta, sem ao menos levar em conta o contexto em que elas foram produzidas.

A forma com que o historiador recebe os documentos influencia muito no resultado da pesquisa. Os arquivistas têm a função de organizar e cuidar do arquivo, conservando-os, fazendo mapeamento, catalogações e o que for necessário para o bom estado do arquivo. Esse profissional por sinal quando bem preparado e responsável ajuda muita o historiador, sendo

que ele tem o domínio do seu trabalho e pode muito bem auxiliar o historiador nas documentações disponíveis para suas pesquisas. Muitas vezes, o arquivo sofre com a falta de profissional preparado para este trabalho, que acaba sendo feito por professores ou alunos. (BELLOTO, 2008).

Belloto (2008) trata da importância do processo historiográfico para as pesquisas, e explica que a pesquisa documental por meio de fontes documentais contribui para a história, por ser uma pesquisa que se realiza por meios de fontes documentais. Miguel (2004) defende a importância da historiografia para história da educação brasileira, pois acredita que isso pode ajudar a resolver ou ao menos compreender melhor os problemas educacionais. Por meio de pesquisas com fontes pode se descobrir não só o que o pesquisador busca no momento, mas também problemas sociais, econômicos e políticos decorrentes do período pesquisado. As fontes não estão alheias aos acontecimentos da sociedade, pois tudo está refletido nelas. Quando o pesquisador inicia sua pesquisa e delimita seu tema como, por exemplo, o caso da escola, ele se envolverá com tudo que ocorreu no sistema funcional dessa instituição e se deparará, por exemplo, como licenças de funcionários e também contratações, assim terá que saber bem o que realmente busca para não deixar se levar por outras informações que também são importantes, e perder o seu objetivo. Miguel (2004) traz muitos exemplos e deixa claro que são situações que só foram interpretadas ao serem contextualizadas, ou seja, uma fonte no vazio sem seu contexto histórico, muitas vezes não terá sentido e será impossível de compreender.

A função social que lhe atribuímos ou os objetivos que dirigem nossa ação certamente orientam o modo como se desenvolve a pesquisa, assim como o trabalho com fontes. Creio que a relação que se estabelece entre o pesquisador, o objeto de pesquisa, as fontes buscadas e trabalhadas, a interpretação do que a informam, bem como todo o ambiente que se cria entre grupo de pesquisador e as demais pessoas envolvidas no trabalho fundamenta-se na aceitação de que o que está em curso tem uma função social muito clara. (MIGUEL, 2004, p.113)

Por meio de fontes documentais, Santos (2012) produziu uma dissertação em que fez um levantamento da educação em Mato Grosso e mostra qual foi a importância das Escolas Reunidas para o estado, pois segundo esse autor essas escolas vieram como solução para o problema educacional e econômico, por serem escolas de baixo custo de manutenção e com a mesma qualidade de um grupo escolar. A implantação dessas escolas visava futuramente a torná-las Grupos Escolares, e com as Escolas Reunidas a educação mato-grossense teve um

avanço, ou seja, foi a partir das Escolas Reunidas em que a educação se difundiu nos municípios desse estado.

Santos (2012) busca entender por que em algumas regiões de Mato Grosso a educação tardou para avançar. Para esse autor, os grupos escolares foram uma modernização na educação brasileira que tiveram início em São Paulo e logo quando começaram a funcionar se expandiram para os demais estados.

Segundo Souza (2006), mesmo com a implantação dos grupos escolares no Brasil, em alguns estados, essa expansão de ensino primário foi lenta e a educação continuou dependendo das escolas isoladas e particulares, e em outros estados, por motivos financeiros, primeiro foram instaladas as escolas reunidas para depois virem a ser grupos escolares, como é o caso de Mato Grosso e seus municípios.

O objetivo dessa pesquisa, pois, é contribuir para a produção de uma história da escolarização da infância em Mato Grosso (do Sul) e no Brasil, a partir de fontes de uma instituição escolar primária, assim como realizar localização, seleção e ordenação de fontes documentais sobre a escola Maria Salomé, de Paranaíba, analisar as fontes documentais da escola Maria Salomé, para compreender a escolarização da infância nesse núcleo de ensino e contribuir para pesquisas correlatas. Essa pesquisa se insere no âmbito das pesquisas históricas em Educação que não visam ao julgamento de valor, nem à assunção do ponto de vista defendido pelos sujeitos envolvidos, nem à exorcização do passado. Seu objetivo é compreender — para explicar — fatos e fenômenos que, no caso específico, envolvem a história da escola primária. (BERTOLETTI, 2011).

A abordagem histórica do tema está centrada em pesquisa documental da Escola Maria Salomé, desenvolvida mediante procedimentos de localização, seleção, ordenação e análise de fontes primárias (documentos impressos ou manuscritos), recolhidos em acervos particulares da Professora Lourdes Brito e Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral e arquivo escolar da Escola Estadual José Garcia leal.

Segundo Mortatti (1999), o conhecimento e o domínio do pesquisador em história da educação é muito importante, pois dele sairá a interpretação das fontes. Ele terá que saber como passar esse conhecimento de forma clara e confiável.

Em todas as fases da pesquisa histórica em educação – assim como em qualquer outro tipo de pesquisa, especialmente na área das ciências humanas – a atividade do pesquisador – o ato investigativo – é um ato de interpretação, que envolve necessariamente a constitutividade e mediação da linguagem e em decorrência, dos processos de ler e escrever, ou seja, envolve a produção de significados e sentidos, desde os processos de recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais,

até a produção do texto final da pesquisa. E todo ato de interpretação, enquanto síntese, demanda a análise integrada dos aspectos constitutivos de determinado texto, a fim de que o pesquisador possa reconhecê-lo e interrogá-lo como configuração textual “saturada de ágoras” e “objeto singular e vigoroso”; e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses. (MORTATTI, 1999, p 73)

De acordo com Mortatti (1999), a pesquisa histórica em educação é uma pesquisa científica, pois o pesquisador terá que reunir fontes para interpretá-las e produzir a escrita de sua interpretação.

A pesquisa de fundo histórico em educação caracteriza-se como um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico- metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadores na produção do objeto de investigação. (MORTATTI, 1999, p. 73)

Para Gil (2010, p.46), a pesquisa bibliográfica inicia-se com a escolha de um tema. É uma tarefa considerada fácil, porque qualquer ciência apresenta grande número de temas potenciais para pesquisa. Em uma pesquisa bibliográfica, em primeiro lugar, o pesquisador deve pensar qual a área em que ele deseja pesquisar, depois saber como ele pretende pesquisar, ou seja, qual será o método utilizado por ele. Ao optar por pesquisa bibliográfica o pesquisador encontra muitos materiais publicados, o que possibilita a ele fazer uma revisão bibliográfica para orientar-se melhor antes de iniciar seu projeto de pesquisa e refletir sobre o que pensa em fazer. E com os meios eletrônicos como a *internet* torna mais fácil ainda para que o aluno tenha acesso a essa pesquisa bibliográfica. A pesquisa documental é muito parecida com a pesquisa bibliográfica para Gil (2010):

A pesquisa documental [...], apresenta muitos pontos de semelhança com a pesquisa bibliográfica. Até mesmo porque livros, artigos de periódicos e anais de eventos podem ser considerados como tipos especiais de documentos. Por isso, em muitos casos, as etapas de seu desenvolvimento são praticamente as mesmas embora, haja pesquisas documentais cujo delineamento que se aproxima dos delineamentos experimentais. É o caso de pesquisas ex-post-facto (“partir do fato do passado”), que são elaboradas com dados disponíveis, mas que são submetidos a tratamento estatístico, envolvendo até mesmo teste de hipóteses. Também há pesquisas documentais que se assemelham a levantamentos, diferindo destes simplesmente pelo fato de terem sido elaboradas com dados disponíveis e não obtidos diretamente das pessoas. (GIL, 2010, p.64)

Para a execução da pesquisa, realizei localização, digitalização, seleção e catalogação de fontes documentais para análise da escola primária Maria Salomé e as relações entre escolarização e infância. Este trabalho de pesquisa se insere no projeto de pesquisa *Infância*,

memória e escolarização em Mato Grosso, sob coordenação do professor Dr. Ademilson Batista Paes, no qual minha orientadora é colaboradora, e encerra coleta de fontes documentais para o projeto *Memória da escola primária em Paranaíba/MS*, coordenado pela professora Dr^a Estela Natalina Mantovani Bertoletti. Além disso, faz parte das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB) e do Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-Mato-Grossense e Brasileira (CEDOCMS), dos quais faço parte.

Trata-se de pesquisa histórica que focaliza uma instituição escolar específica. Sobre isso, Oliveira e Gatti Júnior (2002) afirmam textualmente:

[...] historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicitá-la e integrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo. Nesse mesmo sentido, implicá-la no processo de evolução de sua comunidade ou região é evidentemente sistematizar e re(escrever) seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, no qual são inseridas as mudanças que ocorrem em âmbito local, sem perder de vista a singularidade e as perspectivas maiores. (OLIVEIRA; GATTI JÚNIOR, 2002, p.74)

Isso não significa afirmar que a escola é reprodutora da sociedade que a cerca, mas sim parte de uma cultura que, como “organismo vivo”, é produtora de uma cultura própria (CHERVEL, 1990). Essa cultura escolar corresponde a

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas [...]. (JULIA, 2001, p. 10, grifos do autor)

Assim, normas e práticas serão investigadas em fontes documentais de uma escola específica, a Escola Reunida Maria Salomé, reconhecendo fonte no sentido atribuído por Saviani (2006):

A palavra fonte é usada em história com o sentido analógico. Com efeito, não se trata de considerar as fontes como origem do fenômeno histórico considerado. As fontes estão na origem, constitui o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção histórica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos é a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história. (SAVIANI, 2006, p.30)

Segundo Gil (2010), as fontes documentais são muito amplas, já que toda documentação referente à pesquisa pode ser considerada fonte, assim como jornal, revista, fotos, vídeos e todo tipo de livros de registros, e essas fontes podem ser encontradas em arquivos públicos, privados ou particulares.

Assim, fontes são todos os documentos envolvidos de forma direta ou indireta com a pessoa, objetos de estudo ou determinado tempo pesquisado e essas fontes dividem-se em primárias ou secundárias.

Podemos chamar de fontes primárias aquelas que foram produzidas numa relação direta como o tema de estudo. São fontes primárias, por exemplo, as obras de um autor estudado. Elas devem ser relacionadas ao tema e à temática da pesquisa. São também fontes primárias os documentos produzidos no período pesquisado e que possuem relação direta com a pesquisa feita, sejam eles os próprios originais depositados em arquivos ou digitalização (ou copiados). Desse modo, as fontes primárias remetem diretamente à própria problematização da pesquisa. E fontes secundária aqueles documentos que nos transmitem os fatos de maneira indireta. São relatos feitos por pessoas que não vivenciaram diretamente os episódios relatados e que se baseiam em outras fontes orais ou documentais, por exemplo. Elas são preciosas fontes de informação e também fornecem base para sua interpretação. Sua função é fornecer ao pesquisador um lastro de informações (datas e fatos), de compreensão de conceitos e também, de configuração do referencial teórico – metodológico da análise. Entre tantos materiais, podemos relacionar, nessa categoria, os dicionários especializados, as enciclopédias, dados estatísticos, legislações e outras fontes referência. (TOLEDO; GIMENEZ, 2012, p.110-111)

Do mesmo modo, arquivos escolares são todos documentos produzidos nas escolas por todos que estão envolvidos com ela de forma direta ou indireta. Para Baeza e Magnani (2003),

Os arquivos escolares são constituídos pelo conjunto de documentos produzidos e recebidos em decorrência das atividades diárias de professores, funcionários, alunos, pais e todos aqueles que de alguma forma participam do funcionamento da escola. Entre os documentos escolares, podemos citar: prontuários de alunos, cartilhas, discos de histórias infantis, trabalhos feitos pelos próprios alunos, etc. (BAEZA; MAGNANI, 2003, p.11).

Essas fontes são analisadas pelo pesquisador que desenvolve a pesquisa, ou seja, há uma interpretação pessoal, logo, ele não estará lendo as ideias defendidas por outros autores, mas será a partir deles que fluem os resultados de pesquisa.

A análise e a interpretação dos dados na pesquisa documental tende a variar conforme a natureza dos documentos utilizados. Quando se trata dos chamados documentos de segunda mão, que já passaram por tratamento analítico, e que são apresentados como relatórios de empresas e de órgãos governamentais, os

procedimentos podem se tornar muito semelhantes aos adotados nas pesquisas bibliográficas. (GIL, 2010, p. 67)

Segundo Toledo e Gimenez (2012), para fazer uma pesquisa é importante saber o quê e como pesquisar, e para dar início a essa pesquisa é preciso fazer a delimitação do objeto de estudo ou do tempo a ser estudado, bem como eleger as fontes primárias e também secundárias que servirão de apoio para interpretar as fontes primárias e a bibliografia que dá base à pesquisa.

É preciso esclarecer o que entendemos por pesquisa. Evidentemente, compreendemos a pesquisa como um conjunto sistemático e sistematizador de conhecimento procedimentos e que são necessários ao domínio do saber sobre um objeto ou sobre objetos a previamente estabelecidos, não importando as suas especificidades como características particulares, mas sim, como diferenças que requerem abordagens e conhecimentos diferentes. Esse princípio aplica a todos os campos do saber e deve ser especificado no início da pesquisa a ser executada. As possibilidades e aproximação e domínio dos objetos específicos de pesquisa são sempre amplas e variadas e adequadas, ou, a cada um particularmente. (TOLEDO; GIMENEZ, 2012, p.111)

Ou seja, em uma pesquisa bibliográfica o aluno vai ler e responder suas perguntas em bibliografias, e na pesquisa documental o aluno vai ter acesso as fontes e ter que interpretá-las e analisá-las para descobrir o que está presente nelas e daí fazer suas próprias interpretações, o que quer dizer que ele tem que saber claramente o que quer tirar dessas fontes.

Em vista disso, organizei o texto em três capítulos, após esta Introdução. O primeiro capítulo trata da localização, divisão e escolarização do município de Paranaíba. Nele, trago um levantamento das escolas rurais e as escolas urbanas de 1955 a 1980, período deste estudo. No segundo capítulo discorro sobre a Escola Maria Salomé e as fontes documentais que foram encontradas nos acervos particulares mencionados e no arquivo da Escola José Garcia Leal. Já no terceiro capítulo trato da escolarização da infância em Paranaíba, na Escola Reunida Maria Salomé, a partir das fontes organizadas. Ao final, teço Considerações Finais e apresento as Referências e lista de Instituições, Acervos e Sites consultados.

1. ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA EM PARANAÍBA

1.1 O município de Paranaíba

Paranaíba é um município de Mato Grosso do Sul, localizado na região Centro-Oeste do Brasil e que teve muita importância na história de Mato Grosso do Sul, “[...] uma vez que foi porta de entrada para os bandeirantes paulistas no século XVII (BERTOLETTI, 2012)”, estando localizado próximo ao triângulo mineiro e fazendo divisa com os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Os limites de Paranaíba até 1915 eram extensos e abrangiam vários povoados que hoje são reconhecidos como municípios. De acordo com Campestrini (2002):

a [...] área que, em 1850, constituía a freguesia de Santana do Paranaíba, cujo perímetro era estabelecido pelo rio Pardo (da foz, no Paraná, hoje no Porto 15 de Novembro) até as nascentes do Araguaia (acima de Costa Rica hoje); daí, por uma linha, às do rio Corrente (hoje em Goiás); por este e pelo Paranaíba, até o Paraná e, por este, a foz do Pardo. Acrescente-se que esta ocupação se estendeu, de certo modo, à Vacaria [...]. (CAMPESTRINI, 2002)

Na Figura 1 pode perceber-se pelos rios localizados relacionando com os dados citados por Campestrini (2002) a amplitude dos limites do município de então denominado Sant’Anna do Paranahyba⁸.

Figura 1: Localização de Paranaíba entre os rios de Mato Grosso do Sul



Fonte: GRESSLER (2005)

⁸ Sant’Anna de Paranahyba foi o primeiro nome que recebeu esta região enquanto era vila, e quando passou a ser reconhecida como cidade em 1938 passou a chamar Paranaíba. Percebe-se que em algumas citações Campestrini utiliza a denominação Santana do Paranaíba é que esse autor em seu livro optou por esta escrita.

(1948), Cassilândia (1954), Inocência (1958). Já o município de Três Lagoas dividiu-se em Água Clara (1953), Brasilândia (1963), Selvíria (1980); do município de Brasilândia surgiu Santa Rita do Pardo (1987), e de Cassilândia surgiu Chapadão do Sul (1984).

Paranaíba foi denominada Sertões dos Garcia (por serem os Garcia⁹ os desbravadores), Sant'Anna do Paranahyba e depois em 1938 passou a chamar-se Paranaíba, tendo em conta que quando surgiu ainda não havia ocorrido a separação do estado. Por motivos políticos ocorreu em 1977 a separação do estado, dividindo Mato Grosso em dois, sendo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e a cidade de Paranaíba está situada no estado de Mato Grosso do Sul. Segundo Lopes (apud CAMPESTRINI, 2002, p. 32), o sertão foi descoberto em 1828 e logo depois, começou a ser reconhecido pelos Garcia Leal, acompanhados de outras famílias, e passou a ser conhecido como Sertões dos Garcia.

Os Sertões dos Garcias, como ficou conhecida essa vasta e desabitada região (naquela época) e que hoje compreende os municípios de Paranaíba, Aparecida do Tabuado, Inocência, Três Lagoas, Selvíria, Água Clara, Ribas do Rio Pardo, Cassilândia, Chapadão do Sul, Coxim, Alcinópolis, Figueirão, Costa Rica, Alto Taquari, estendendo-se ainda pela região de Rio Brillhante, Campo Grande, Nioarque no Estado de Mato Grosso do Sul e Aporé, Chapadão de Céu, parte dos municípios de Serranópolis, Mineiros, Itaruma e Itajá, no Estado de Goiás; mas que naqueles tempos pertenciam a província de Mato Grosso e de Goyás, com suas divisas indefinidas e confusas[...] (SAMPAIO, 2006, apud CASTILHO, 2013, p.20).

De acordo com Campestrini (2002), em 1857 Sant'Anna do Paranahyba foi elevada à categoria de vila (município), em 1894 Sant' Anna de Paranahyba passou a ser reconhecida como cidade, e em outubro de 1938 perdeu a denominação de Sant' Anna e passou ser chamada somente de Paranaíba.

Na divisão territorial, administrativa e judiciária de Mato Grosso, de 1938, Paranaíba aparecia com os distritos: sede, Aparecida do Tabuado, Capela e São Pedro. Naquela divisão, a cidade passou a ser chamada de Paranaíba. Em 1943 na divisão administrativa e judiciária, Paranaíba figurava com os distritos da sede, Aparecida do Tabuado, Baús (no lugar de Capela) e Inocência (no de São Pedro) (CAMPESTRINI, 2002, p.52).

1.2 As escolas urbanas e rurais em Paranaíba

⁹ Irmãos Garcia: José Garcia Leal, Januário Garcia Leal, João Pedro Garcia Leal e Joaquim Garcia Leal.

A primeira escola criada em Paranaíba ainda denominada “Sant’Anna do Paranaíba” foi em 1838, de acordo com Campestrini (2002). Ao que parece é o mesmo ano em que Sant’ Anna do Paranaíba foi elevado à freguesia.

[...] a primeira escola pública do município foi criada em 13 de agosto de 1838 e, em 1928, o município *contava com dois professores na zona urbana: Ezequiel Alves de Araújo primo e Felisbina Garcia Rodrigues, e dois professores na zona rural: João Rego dos Santos (fazenda São Pedro) e Antônio Paulino (rio do Peixe)*. (NEVES apud CAMPESTRINI, 2002, p. 220)

Segundo Campestrini (2002), essas duas escolas rurais citadas eram as Escolas Mistas Rurais do Rio Aporé ou Rio do Peixe e a escola do distrito de São Pedro (que hoje é o município de Inocência).

Em relação às escolas urbanas, até 1977 não havia um grande número, mas em controvérsia, a escola rural aumentou significativamente, sendo que “[...] dessas duas escolas rurais citadas, inúmeras outras foram criadas” (BERTOLETTI, 2012, p.27)

A escola rural [...] até 1927 pertencia ao conjunto de instituições escolares denominadas de escolas isoladas. Essas escolas tinham o objetivo de ministrar a instrução primária para crianças de 7 a 12 anos de idade. [...] o então Presidente do Estado, Mario Correa da Costa [...] sancionou o Decreto nº 759, de 22 de abril de 1927, delineando novas diretrizes educacionais. Uma dessas diretrizes foi o desmembramento das escolas isoladas. A partir desse documento as escolas receberam o nome de escolas isoladas rurais e escolas isoladas urbanas, com características peculiares que as diferenciavam uma das outras. (SILVA, 2012)

No período de 1950 a 1977, Paranaíba contava com algumas escolas urbanas sendo divididas entre Escolas Isoladas, Escolas Reunidas, Grupos Escolares e Escolas Particulares conforme Regulamento da Instrução Pública de 1927.

Art. 5 – São Rurais as escolas isoladas localizadas a mais de 3 quilômetros da sede do município.

Art. 6 – A escola rural tem por fim ministrar a instrução primaria rudimentar; seu curso é de dois anos e o programa constará de leitura, escrita, as quatro operações sobre números inteiros, noções de História Pátria, Cartografia do Brasil e especialmente de Mato Grosso e noções de higiene. (p. 164)

Art. 12 – A escola isolada é urbana, quando localizada num raio de até três quilômetros da sede do município. (p.165)

Art. 19 – Quando num raio de dois quilômetros, funcionarem três ou mais escolas isoladas, com frequência total mínima de 80 alunos, o governo poderá reuni-las num só estabelecimento, que receberá a denominação de “Escolas Reunidas”. (p. 166)

Art. 34 – Os grupos escolares terão, no mínimo, oito classes, e serão criados onde houver, pelo ao menos, num raio de 2 quilômetros, 250 crianças em idade escolar.

§ único – As escolas reunidas que, em virtude de desdobramento de suas classes, funcionarem, durante um ano, como oito classes, serão transformadas em grupos escolares (MATO GROSSO 1927, p.168)

A Escolas Reunidas Sant'Anna do Paranaíba foi a primeira escola urbana deste município, segundo Campestrini (2002): em 1938 foi criada a primeira escola urbana na região, e em 1945 essa recebeu a denominação de Grupo Escolar José Garcia Leal. Campestrini (2002) afirma que com a chegada do Frei Pedro em 1952 foi construído o Colégio Feminino Educandário Santa Clara, e em 1957 o mesmo religioso criou o Colégio masculino Patronato São José. Em 1957, foi criado o Ginásio Estadual Wladislau Garcia Gomes que atendia “[...] alunos da pré-escola, 1º Grau e Alunos Portadores de necessidades Especiais (Deficiência Mental Educável e Deficiência Auditiva)” (NEVES, 1992, p.2); em 1971 criou – se a Escola Municipal Major Francisco Faustino Dias; em 1974 a Escola Estadual de 1º Grau Gustavo Rodrigues da Silva; em 1978 criou-se a Escola de 1º Grau Manoel Garcia Leal. No período de 1950 a 1980, Paranaíba contava com seis escolas urbanas sendo três escolas estaduais, um ginásio estadual, uma escola municipal e duas particulares.

As escolas primárias urbanas de Paranaíba criadas nesse período foram, portanto: Grupo Escolar José Garcia Leal (Decreto nº193, de 05 de maio 1945); Escola particular feminino Educandário Santa Clara (1952), Escola Particular Masculino Patronato São José (1957), Ginásio Estadual Wladislau Garcia Gomes (Decreto n.º 302 de 30/08/1957 e Portaria Ministerial n.º 1.741 de 09/12/1957); Escola Gustavo Rodrigues da Silva (Decreto nº 1.474 de 08 – 03 – 1975), Escola Municipal Major Francisco Faustino Dias, (Decreto Lei nº 252 de 15 de outubro de 1971).

Paranaíba contou com muitas escolas rurais de 1952 a 1980; percebe-se que há muito decretos municipais para as criações e atualizações de escolas. Com base nestes decretos pode-se fazer levantamento de algumas delas, que foram muito importantes para a história da escolarização em Paranaíba. Com base nos decretos da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Paranaíba pode-se afirmar que funcionaram em Paranaíba as escolas que estão registradas no Quadro 1. Esse Quadro traz o nome das escolas, dos decretos e das localidades (fazendas).

Quadro1. Escolas Rurais de Paranaíba de 1952 a 1979

Ano	Decreto e Lei	Escolas Rurais	Localização/ Fazenda
1952	Decreto Lei nº 242 de fevereiro de 1952	Escola Rural Mista Ariranha	Fazenda Ariranha
		Escola Rural Árvore Grande	Fazenda Árvore Grande, Bocaina/ Inocência
		Escola Rural Mista Coronel Antonio Dias	Fazenda Divisa
		Escola Rural Flecha	-
		Escola Rural Furnas	Fazenda Furnas
		Escola Indaiá	Fazenda Indaiá
		Escola Rural Mista Espicha Couro	Fazenda Espicha Couro
		Escola Rural Mista Figueira	Fazenda Figueira
		Escola Rural Mista Figueiredo	Fazenda Figueiredo
		Escola Rural Mista Alcino Queiroz	Lagoa do Areré
		Escola Rural Mista Morangas	Fazenda Morangas
		Escola Rural Mista Paraíso	Fazenda Paraiso
		Escola Rural Mista Rio dos Peixes ou Aporé	Aporé
		Escola Rural Mista Serra	Fazenda da Serra
Escola Rural Mista Velhacaria	Fazenda Velhacaria		
1955	Decreto lei nº 2146 de 15 de maio de 1955	Escola Rural Reunida Maria Salomé ¹⁰	Fazenda Serra
1968	Decreto lei Nº 216 de 16 de outubro de 1968 ¹¹	Joaquim Ferreira leal	Fazenda Nova Era
1970	Decreto lei Nº 275 de 16 de setembro de 1970 ¹²	Jerônimo Rodrigues de Freitas	Alto Santana
1971	Decreto Lei Nº 306 de 08 de setembro de 1971 ¹³	Escola Rural Mista Getulio Vargas	Fazenda Coqueiros
		Escola Rural Ribeirão Grande	Ribeirão Grande
		Escola Rural Mista Velhacaria	Fazenda Velhacaria
		Escola Rural Mista José de Alencar	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista Irara	Fazenda Iara
		Escola Rural Mista São Judas Tadeu	Cabeceira da Vila
		Escola Rural Mista Nova Jales	Distrito Nova Jales

¹⁰ A Escola Estadual Maria Salomé foi a única escola rural estadual.

¹¹ O Decreto Nº 216 de 1968 foi assinado pelo prefeito Osires Vieira de Souza.

¹² O Decreto Nº 275 de 1970 foi assinado pelo prefeito Antônio Augusto Corrêa da Costa

¹³ O Decreto Nº 306 de 1971 foi assinado pelo prefeito Antonio Augusto Corrêa da Costa.

1971	Decreto Lei Nº 306 de 08 de setembro de 1971	Escola Rural Mista Córrego do Cascavel	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista Veludo	Fazenda Veludo
		Escola Rural Mista São João do Aporé	Distrito de São João do Aporé (Lagoa Santa)
		Escola Rural Mista Cachoeira	Fazenda Cachoeira
		Escola Rural Mista Serra	Fazenda Serra
		Escola Rural Mista Nossa Sr ^a Santana	Fazenda Cachoeira
		Escola Reunida Tamandaré	Distrito Tamandaré
		Escola Rural Mista Hilário Mariano de Oliveira	Entroncamento do Itajá
		Escola Rural Mista Barro Branco	Fazenda Branco
		Escola Rural Mista Professor João Magiano	Fazenda Primor
		Escola Rural Mista Lagoa Bonita	Fazenda Lagoa Bonita
		Escola Rural Mista D. Pedro II	Sítio da Guariroba
		Escola Rural Mista Lageadinho	Fazenda Lageadinho
		Escola Rural Mista Barreirão	Fazenda Barreirão
		Escola Rural Mista Rui Barbosa	Fazenda Guanabara
		Escola Rural Mista Santa Luzia	Fazenda Bonitinho
		Escola Rural Mista Córrego Dantas	Fazenda Córrego Dantas
		Escola Rural Mista Figueira	Fazenda Figueira
		Escola Rural Mista Alto da Serra	Fazenda Alto da Serra
		Escola Rural Mista Pontinha	Fazenda Pontinha
		Escola Rural Mista Sítio Bom Jesus	Fazenda Bom Jesus
		Escola Rural Mista Castelo Branco	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista Duque de Caxias	Fazenda Puladouro
		Escola Rural Mista Frei Caneca	Fazenda São Jorge
		Escola Rural Mista União	Fazenda União
		Escola Rural Mista Tiradentes	Fazenda Velhacaria
		Escola Rural Mista Alto Santana	Alto Santana
		Escola Rural Mista Castro Alves	Castro Alves
Escola Rural Mista Carlos Gomes	Fazenda Divisa		
Escola Rural Mista Inocência	Fazenda Campeiro		
Escola Rural Mista Santo Antonio	Fazenda Bonito		

1971	Decreto Lei Nº 306 de 08 de setembro de 1971	Escola Rural Mista Vertente do Alçapão	Fazenda Alçapão
		Escola Rural Mista Alçapão	Fazenda Alçapão
		Escola Rural Mista Ponte Nova	Fazenda Ponte Nova
		Escola Rural Mista Roncador	Fazenda Roncador
		Escola Rural Mista Paraíso	Fazenda Paraíso
		Escola Rural Mista Fagundes Varela	Fazenda Figueira
		Escola Rural Mista Padre Fleury	Fazenda Figueira
		Escola Rural Mista Lagoa Bonita	Fazenda Corrêgo do Ouro
		Escola Rural Mista Alcino Queiroz	Lagoa do Areré
		Escola Rural Mista Marechal Rondon	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista Machado de Assis	Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista Santa Maria	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista José Bonifácio	Fazenda Divisa
		Escola Rural Mista Ramalho	Chácara Ramalho
		Escola Rural Mista São Jerônimo	Fazenda Flora
		Escola Rural Mista Bonito	Fazenda Bonito
		Escola Rural Mista Padre Anchieta	Fazenda Bonito
		Escola Rural Mista Ponte Alta	Fazenda Ponte Alta
		Escola Rural Mista Ponto Chic	Fazenda Lobo
		Escola Rural Mista Cachambú	Fazenda Serra
Escola Rural Mista Soarinho	Fazenda Soarinho		
Escola Rural Mista Indaiá	Fazenda Indaiá		
Escola Rural Mista São Manoel	Fazendinha		
1972	Decreto Lei Nº 328 de 19 de abril de 1972 ¹⁴ :	Escola Rural Mista Presidente Carlos Luz	Raimundo
		Escola Rural Mista Presidente Rodrigues Alves	Ribeirão do Indaiá Grande
		Escola Rural Mista Presidente Café Filho	Fazenda Corrêgo Fundo
		Escola Rural Mista Arnaldo de Figueiredo	Fazenda Laranja
		Escola Rural Mista Princesa Isabel	Sítio Alabamba
		Escola Rural Mista Floriano Peixoto	Fazenda Capoeira

¹⁴ O Decreto Nº 328 de 1972 foi assinado pelo prefeito Osires Vieira de Souza.

1974	Decreto Lei Nº 348 de 01 de agosto de 1974 ¹⁵ :	Escola Rural Mista Deodoro da Fonseca	Fazenda São João do Aporé
		Escola Rural Mista Nossa Senhora Aparecida	Fazenda Soarinho
		Escola Rural Mista Monteiro Lobato	Fazenda Três Maria
		Escola Rural Mista Érico Veríssimo	Fazenda Cachoeira
		Escola Rural Mista Tiradentes	Fazenda Irara
		São João do Indaiá	Fazenda Indaiá
		Bom Jesus	Barreiro de Cima
		Escola Rural Mista Almeida Garrett	Fazenda Mangues
		Escola Rural Mista Boa Esperança	Corrêgo Fundo
		Escola Rural Mista Joaquim Nabuco	Barra do Ribeirão Grande
1975	Decreto Lei Nº 373, de 01 de junho de 1975 ¹⁶	Escola Rural Mista Olavo Bilac	Fazenda Rancho Alegre
		Escola Rural Mista Castro Alves	Sítio Santo Antônio
		Escola Rural Mista Cecília Meireles	Fazenda Córrego das Pedras
		Escola Rural Mista Santos Dumont	Fazenda Bela Vista
		Escola Rural Mista Gonçalves Dias	Fazenda Nossa Senhora Aparecida
		Escola Rural Mista Coelho Neto	Entroncamento de Inocência
		Escola Mista Visconde de Taunay	Fazenda Ponte Nova
		Escola Municipal de 1º Grau Afonso Pena	Fazenda Formoso
		Escola Municipal de 1º Grau Graciliano Ramos	Boa Vista
1976	Decreto Lei Nº 478 de Abril de 1976 ¹⁷	Escola Municipal Tomé Souza	Fazenda Boa Vista
		Escola Municipal de 1º Grau Presidente Emílio Darastazu Médici	Cabeceira da Figueira
		Escola Municipal de 1º Grau Antonio Raposo Tavares	Fazenda Cascavel
		Escola Municipal de 1º Grau Brajusco	Alto Sucuriu
		Escola Municipal de 1º Grau Porto Alencastro	Porto Alencastro
1977	Decreto Lei Nº 532 de 21 de Julho de 1977 ¹⁸ :	Escola Municipal de 1º Grau Filinto Muller	Fazenda Ariranha
		Escola Municipal de 1º Grau Graça Aranha	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Municipal de 1º Grau Osires Vieira de Souza	Fazenda Alvorada

¹⁵ O Decreto Nº 348 de 1974 foi assinado pelo prefeito Osires Vieira de Souza.

¹⁶ O Decreto Nº 373 de 1975 foi assinado pelo prefeito Osires Vieira de Souza.

¹⁷ O Decreto Nº 478 de 1976 foi assinado pelo prefeito Osires Vieira de Souza.

¹⁸ O Decreto Nº 532 de 1977 foi assinado pelo prefeito Walderes Grande.

1977	Decreto Lei Nº 532 de 21 de Julho de 1977	Escola Municipal de 1º Grau Prudente de Moraes	Fazenda Barraca
		Escola Municipal de 1º Grau Governador José Fragelli	Fazenda Ponte Alta
		Escola Municipal de 1º Grau Costa e Silva	Fazenda Barreiro de Cima
		Escola Municipal de 1º Grau Eptácio Pessoa	Fazenda Rancho Alegre
		Escola Municipal de 1º Grau Eurico Gaspar Dutra	Fazenda Varjão Redondo
		Escola Municipal de 1º Grau José de Castro	Fazenda Santo Antonio
		Escola Municipal de 1º Grau Juscelino Kubitschek	Fazenda Buriti
		Escola Municipal de 1º Grau Marechal Hermes da Fonseca	Fazenda Santos Reis
		Escola Municipal de 1º Grau Washington Luiz	Fazenda São Marcos Ltda
		Municipal de 1º Grau Wenceslau Brás	Fazenda Santo Antonio
		Escola Municipal de 1º Grau Garcia Neto	Fazenda Furquilha
		1978	Decreto Lei Nº 595 de 28 de Agosto de 1978 ¹⁹
Escola Municipal de 1º Grau São Luiz	Fazenda São Luiz		
Escola Municipal de 1º Grau Martim Afonso de Souza	Fazenda São João		
Escola Municipal de 1º Grau Duarte da Costa	Fazenda Ribeirão Grande		
1979	Decreto Lei Nº 670 de 16 de Julho de 1979 ²⁰	Escola Municipal de 1º Grau Santa Rita	Fazenda Lageado
		Escola Municipal de 1º Grau Cristo Redentor	Fazenda Pisa Olho
		Escola Municipal de 1º Grau Vista Alegre	Fazenda Vista Alegre
		Escola Municipal de 1º Grau Nossa Senhora Sant'Ana	Fazenda Santo Antonio
		Escola Municipal de 1º Grau Nossa Senhora de Fátima	Fazenda Irara
		Escola Municipal de 1º Grau José Salomão	Fazenda São Jorge

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PARANAÍBA-MS (1952 a 1979).

Observa-se que no Quadro 1 está o nome das escolas rurais que funcionaram em Paranaíba. Nele, há algumas escolas que estão em fazendas com o nome igual, mas elas não estão nas mesmas fazendas, pois são de proprietários e localidades diferentes. No Decreto Nº 306, de 1971, Paranaíba contava com sessenta e uma escolas rurais, que receberam nova denominação de Escola Rural mista. Essas escolas, segundo os decretos, eram criadas para

¹⁹ O Decreto Nº 595 16 de 1978 foi assinado pelo prefeito Walderes Grande

²⁰ O Decreto Nº 670 16 de 1979 foi assinado pelo prefeito Walderes Grande.

funcionarem enquanto forem necessárias, ou seja, elas abriam e fechavam conforme a demanda de alunos.

Muitas escolas que foram citadas no Decreto Lei Nº 308 de 08 de setembro 1971 receberam apenas a nova denominação de Escola Rural Mista ou Escola Reunida como é o caso da Escola Reunidas do Tamandaré, isso não significa que elas foram criadas em 1971, mas apenas receberam novas denominações, e em 1975 foram criadas nove escolas e as escolas que receberam denominação de Escola Rural Mista novamente foram elevadas a Escola Municipal de 1º Grau, atendendo à Lei nº 5.692, de 1971.

Como se pode ver, havia um número muito grande de escolas rurais entre 1952 e 1979. De acordo com Bertolletti (2012), no município de Paranaíba prevaleceu por muito tempo a existência de escolas rurais e isoladas, isso devido à extensa população rural, cujas atividades econômicas eram a pecuária e a agricultura (especialmente o arroz), e esta população rural prevaleceu superior à urbana pelo menos até 1970.

2. A ESCOLA MARIA SALOMÉ E AS FONTES DOCUMENTAIS

2.1 A escola Maria Salomé no conjunto das escolas rurais de Paranaíba

Até 1927, em Mato Grosso, as escolas rurais eram reconhecidas como escolas isoladas e a partir do Decreto nº 757, de 22 de Abril de 1927, as escolas foram denominadas como escolas isoladas rurais, isoladas urbanas e a união de escolas isoladas veio a ser denominada escolas reunidas. De acordo com o Decreto:

Art.5 – São rurais as escolas isoladas localizadas a mais de 3 quilômetros da sede do município.

Art. 6 – A escola rural tem por fim ministrar a instrução primária rudimentar; seu curso é de dois anos e o programa constará de leitura, escrita, as quatro operações sobre números inteiros, noções de História Pátria, Cartografia do Brasil e especialmente de Mato Grosso e noções de Higiene.

Art. 7 – Terão as escolas rurais a maior disseminação e serão criadas a juízo do governo, por proposta do diretor Geral da instrução, mediante informações dos inspetores gerais, nos lugares onde houver os seguintes elementos:

- a) prédio facilmente adaptável às necessidades escolares;
- b) Trinta crianças em idade escolar, num raio de 3 quilômetros do prédio indicado;

Art. 8 – A escola rural será suprida por processo idêntico ao da criação, quando:

- a) a população escolar diminuir torna-se insuficiente;
- b) a freqüência média mensal for inferior a 15 alunos, durante seis meses no ano, ou quando o inspetor geral, em três visitas consecutivas, com um mês, pelo menos, de intervalo, encontrar alunos presentes em número inferior àquele mínimo, não sendo o professor a causa da deserção;
- c) se tornar necessária com a criação de grupo escolar ou escolas reunidas nas proximidades.

Art. 9 – A escola rural será transferida pelo governo, dentro do município, num raio de 8 quilômetros, em qualquer tempo e quando a conveniência do ensino a aconselhar.

Art. 10 – A criação ou supressão de escola rural se fará em qualquer tempo; mas o primeiro provimento só se dará nos cinco primeiros meses letivos do ano. (p.164)

Art. 11 – A instalação da escola rural terá caráter festivo, será presidida pelo respectivo inspetor distrital ou qualquer autoridade superior do ensino, lavrando-se uma ata assinada por todas as pessoas presentes e cuja cópia será remetida à Diretoria Geral. (MATO GROSSO, 1927, p. 165)

Percebe que de acordo com o Decreto nº 757 de 22 de abril de 1927, as escolas rurais abriam e fechavam conforme o número frequente de alunos, conforme já ressaltado em relação ao município de Paranaíba.

As escolas reunidas em Mato Grosso foram implantadas para solucionar um problema educacional e econômico, pois essas escolas eram de baixo custo de manutenção e futuramente poderiam vir a ser grupo escolar. Para Lopes,

[...] a preponderância das escolas reunidas “[...] ocorreu, principalmente, em decorrência do seu baixo custo em relação ao grupo escolar e por apresentar vantagens de, ao agrupar as escolas isoladas, proporcionar maior controle do trabalho docente e economia com aluguéis para o governo.” (LOPES, apud, Santos, 2012, p.60)

Em Mato Grosso as escolas reunidas tiveram seu início em “23 de outubro de 1929, quando foram agrupadas três escolas isoladas de ambos os sexos existentes na cidade de Santo Amaro do Rio Abaixo (hoje, Santo Antônio de Leverger)” (SANTOS, 2012, p.76), e logo seis anos depois em 1937, já existiam mais sete escolas sendo elas: “Escola Reunida de Santana do Paranaíba²¹; Escola Reunida do Bairro de Amambaí, em Campo Grande, Escola Reunida da cidade de Miranda; Escola Reunida de Guajará-Mirim” (SANTOS, 2012, p.76).

As escolas isoladas atendiam a um pequeno número de alunos e muitas vezes essas escolas eram na casa dos próprios professores, e em um raio de dois quilômetros que houvesse três ou mais escolas isoladas dariam origem às escolas reunidas; estas deveriam ter no mínimo três e no máximo sete classes com o total de 250 alunos e se elas tivessem mais que este total de alunos e funcionassem por um ano com oito deveriam ser denominadas grupos escolares:

Art. 19 – Quando num raio de dois quilômetros, funcionarem três ou mais escolas isoladas, com frequência total mínima de 80 alunos, o governo poderá reuni-las num só estabelecimento, que receberá a denominação de “Escolas Reunidas”.

Art. 20 – As escolas reunidas terão no máximo sete classes e não poderão funcionar com menos de três.

Art. 21 – A criação de escolas reunidas visa:

I – Melhorar as condições pedagógicas e higiênicas das salas escolares.

II – Classificar os alunos pelo nível de desenvolvimento intelectual.

III – Facilitar e intensificar a inspeção.

Art. 23 – A instalação das escolas reunidas terá caráter festivo, será presidida por um inspetor geral e se efetuará em qualquer tempo, em prédio previamente adaptado.

Art. 24 – O curso das escolas reunidas é de três anos e obedecerá o programa anexo a este regulamento. (p. 166)

Art. 27 – As classes das escolas reunidas terão, no mínimo, 15 alunos e 45 no máximo, fundindo-se numa só classe dois ou mais anos do curso, ou formando-se classes mistas quando o número de alunos matriculados for insuficiente para a separação de sexo e anos do curso em classes distintas.

Art. 29 – O regime interno das escolas reunidas é o mesmo dos grupos escolares e será organizado pela Diretoria Geral da Instrução e submetido à aprovação do Governo.

Art. 33 – As escolas reunidas serão suprimidas quando se verificar a efetiva insuficiência de matrícula para a manutenção de 3 classes, tendo por base o mínimo estabelecido para o funcionamento das escolas isoladas. (MATO GROSSO, 1927, p.167)

²¹ Santos (2012) em sua dissertação usa esta denominação Santana do Paranaíba.

Segundo Santos (2012), em relação ao funcionamento das escolas reunidas, os prédios eram menores que os dos grupos escolares e podiam ter classes masculinas, femininas ou quando não houvesse um número de alunos suficientes para formar uma turma havia as classes mistas tanto quanto em relação ao sexo como em séries, e estas escolas também funcionavam de acordo com demanda de alunos. Elas podiam dar início a um grupo escolar, mas os grupos escolares podiam ter início sem as escolas reunidas, assim como o grupo escolar que não tivesse número de alunos suficiente matriculados eram rebaixados a escolas reunidas. E é nesse contexto de escolas rurais reunidas que está inserida a Escola Estadual Maria Salomé.

A escola Maria Salomé foi criada sob o Decreto Lei nº 2146 de 15 de maio de 1955, conforme já foi mencionado. Ela era denominada Escola Estadual Rural Reunidas Maria Salomé, observe-se que ela é uma escola estadual, rural, reunida e mista, sendo que as outras escolas rurais deste período eram municipais. Percebe-se, pois que dentre as demais escolas rurais a Escola Maria Salomé era a única estadual, ou seja, mantida pelo o estado de Mato Grosso. Seu prédio estava situado na Fazenda Serra (Vila Nova)²² em Paranaíba. Em 14 de agosto de 1974 a Escola Estadual Reunida Maria Salomé passou a funcionar como Escola Estadual de I Grau Maria Salomé. Esta escola era pequena, contava apenas com duas salas de aula, uma cozinha (que funcionava também como secretaria, sala dos professores e diretoria) e dois sanitários. Essas duas salas de aulas funcionavam no período matutino e vespertino e atendiam a 160 alunos anualmente; no princípio funcionou só a primeira, segunda e terceira série e logo quando fechou em 1980 atendia até quarta série. Em 1977, a diretora Sandra Agi fez um requerimento para a “Revalidação de Autorização para Funcionamento” de I a IV Grau. E em 1980 todos seus alunos foram transferidos para o prédio da Escola Estadual Antonio Garcia de Freitas²³.

Observe-se que a Figura 3 é a fachada da Escola Reunida Maria Salomé. Nesta figura se nota que era uma escola de estrutura simples e pequena.

²² Hoje conhecida como Vila Salomé.

²³ A Escola Estadual Antônio Garcia localizado no Bairro Santo Antonio, onde hoje está instalado o Corpo de Bombeiros.

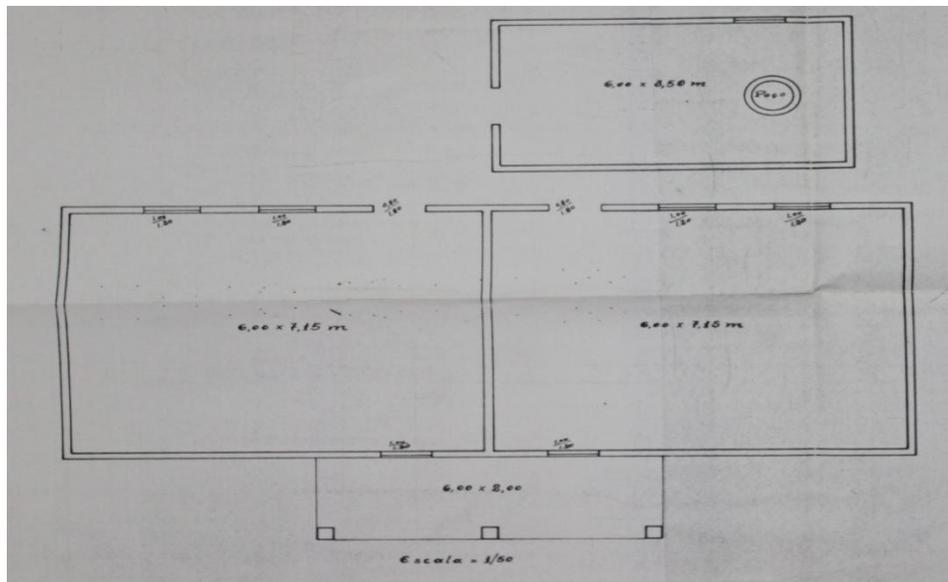
Figura 3: Fachada da Escola Reunida Maria Salomé



Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977).

Na Figura 3 é a frente da escola; já a Figura 4 é a planta, de como era dividida a área construída da escola e qual a metragem.

Figura 4: Planta baixa da Escola Maria Salomé



Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977).

Nesta Figura 4, verifica-se que do lado direito e do lado esquerdo, medindo 6 m x 7,15m, são as salas de aulas e acima, medindo 6 m x 3,50 m, é a cozinha e dentro dela há um poço; a este divisão da frente é a varanda, medindo 6 m x 2 m, e as janelas eram na varanda. Acredito que esta janela era para atender aos pais de alunos ou visitas, sendo que, como

observado na Figura 3, a janela era para o lado da rua facilitando assim a comunicação com quem chegava, e as portas eram voltadas para o fundo.

Como já foi mencionado, esta pequena escola foi muito importante para a região em que se situava.

2.2 As fontes da Escola Maria Salomé

As fontes da Escola Maria Salomé estão todas organizadas no Quadro 1. Como informado elas foram encontradas no arquivo da Escola Estadual José Garcia leal, num total de 50 documentos da Escola Maria Salomé no período de 1955 a 1980, são 01 Livro de Posse (1955 a 1967), 01 Livro Registro de Matricula de (1966), 01 Livro de Ata sendo de (1961 a 1964), 01 Livro de Ocorrência de (1968), 05 Livro de Pontos, 01 (1972), 01 (1976), 02 (1978), 01 (1980), 05 Boletim Mensal (1977), 06 Diário de Classe, 03 (1977), 02 (1978), 02 (1980), 05 Fotografias (1977), 01 Processo nº 126/78, 12 Históricos Escolares (1980), 12 Transferências (1980).

Quadro 2. Fontes para estudo da Escola Maria Salomé

Seção	Registro Escolar	Livro de Ata	Livro de Ocorrências	Livro de Ponto	Livro de Posse	Boletim Mensal	Diário de Classe	Fotografias	Processo N° 126/78	Histórico Escolar	Transferência	TOTAL
1955 a 1967	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
1961 a 1964	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
1966	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
1968	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
1972	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
1976	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
1977	-	-	-	-	-	05	03	05	-	-	-	13
1978	-	-	-	02	-	-	01	-	01	-	-	04
1980	-	-	-	01	-	-	02	-	-	12	12	27
Total	01	01	01	05	01	05	06	05	01	12	12	50

De 1955, localizei o documento Livro de posse nº 03. Este livro foi produzido pela Escola José Garcia Leal entre o ano de 1951 e 1967 ele é empregado para registrar a posse de todos os professores e funcionários. As páginas nº 03, 33, 40, 57 e 62 foram usadas para registrar a posse de quatro funcionárias da Escola Maria Salomé, sendo três professoras e 01 continua. Este livro tem a capa preta com uma etiqueta ao centro indicando número e ano em que foi utilizado

De 1966, localizei o documento Registro Escolar. Nesse documento há uma capa contendo a seguinte informação: “REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, CONVÊNIO DE ESTATÍSTICAS NACIONAIS DE 1931”, ao centro da folha “REGISTRO ESCOLAR – MATRÍCULA, PROFESSORES E APARELHAMENTO ESCOLAR (Modelo I)”. A primeira folha vem com a mesma escrita da capa, com uma numeração do Decreto da Lei e com índice embaixo; no verso da primeira folha estão alguns dados da escola, como o nome, a cidade e a vila. As páginas são enumeradas em frente e verso, da terceira a quinta página estão as “INSTRUÇÕES PARA AS ESCRITURAÇÕES DO LIVRO DE REGISTRO ESCOLAR”. O livro é grande e a escrita começa da página esquerda e termina na direita, pois ele é usado aberto com uma leitura contínua de uma página a outra. Na sexta página está o número de matrícula, dia mês e ano, o nome do aluno, o sexo, se o aluno tem certidão de nascimento, data de nascimento, idade completa até o mês de julho, ano ou série que o aluno vai cursar. As perguntas são respondidas somente até o ano ou série que o aluno vai cursar, mas na mesma página há mais perguntas como tempo escolar em anos; procedência do aluno; se ele é de outra escola ou da mesma; se o aluno já sabia ler e escrever; a que distância da escola reside (metros); aproveitamento (aprovado ou reprovado); se não compareceu ao exame; grau de aprovação; exclusão do aluno: dia e data, motivo; nome do pai ou responsável; se é o pai ou a mãe; residência; características dos pais; nacionalidade, profissão; instrução escolar; religião. O livro contém dados até na página 125, que vai até o ano de 1975; na capa final do livro há uma nota com carimbo da Delegacia Regional Da Educação e Cultura. A função deste livro é registrar a matrícula de todos os alunos, endereço e profissão dos pais.

Do ano de 1961 encontrei um livro de ata; é o Livro de Ata nº 05: produzido pelo Grupo Escolar José Garcia Leal, com a finalidade de registrar todos os acontecimentos da escola, assim como registrar a contratação de funcionários e professores; este livro tem 50 folhas e refere-se ao período de 29/04/ 1961 a 14/10/1964. Nesse livro há duas páginas destinadas à Escola Rural Maria Salomé uma é a página 04 em foi registrada a contratação da Professora Carmina Ferreira de Freitas no dia 26 de abril de 1961, e a outra a página 47 que

registra a contratação da Professora Aparecida Alves de Souza no dia 10 de junho de 1964.

Do ano de 1968 localizei 01 documento, sendo Livro de Ocorrência: Este foi produzido pela Escola Estadual de I Grau José Garcia de Freitas e tem a função de registrar as ocorrências e contratos de professores e funcionários no ano de 1967. Na primeira folha há um termo de abertura expondo qual a finalidade do livro, que é um livro de registro das Ocorrências da Escola José Garcia Leal; o livro tem 100 folhas, e foi utilizado só até a página 20; no verso da página 16 há um registro da Ata do Poder Executivo, o Decreto nº 526 de 09 de abril de 1968. Nele o registro referente a Escola Reunidas Maria Salomé é a contratação da Professora Carmina Ferreira de Freitas.

Do ano de 1972 encontrei 01 documento, o Livro de Ponto nº 01. Nele há ao centro o nome da escola, a data de criação do livro e o número do livro. Na primeira página há o termo de abertura feito a caneta com a data de 17 de janeiro de 1972 assinado por Marylene Guimares, na segunda página na primeira linha está escrito o nome da Escola: Escola Reunida Maria Salomé e a data. E embaixo há o turno, assinatura do professor e a falta; na página trinta muda o modelo e não está escrito professor e sim cargo, e assim todos os funcionários assinam especificando o cargo. O livro tem 100 folhas e está assinado até a folha 80; todas as folhas estão assinadas frente e verso. A última folha foi assinada dia 26 de fevereiro de 1973.

Encontrei do ano 1976 01 documento, o Livro de Ponto nº 6. Os anos em que o livro foi utilizado que são de 1976 a 1978. Na primeira página foi feita a abertura do livro escrita com letra manuscrita; na página número 001 começam as assinaturas dos funcionários, divididas em quatro colunas, uma é o nº de ordem, cargo, assinatura e faltas; cada folha é feita a divisão em turno matutino e vespertino, em uma página tem quatro divisões de turno, ou seja, é usado dois dias. Neste quadro há assinatura: diretora, secretária, professores, auxiliar administrativo e servente

Do ano de 1977 encontrei 13 fontes, sendo 05 Boletins Mensais, 05 Fotografias e 03 Diários de Classe. Em todos os boletins há as mesmas características: há um emblema do estado e ao lado direito está escrito na primeira e segunda linha “Estado de Mato Grosso do Sul”, na segunda linha “Secretaria de Educação e Cultura, embaixo está “Delegacia Regional de Ensino”, em seguida o endereço que é Rua 13 de Maio, 145 C.P. 49, Paranaíba. Mais embaixo está escrito “Boletim Mensal” centralizado todo em letra maiúscula e grifado. Há o nome do estabelecimento que é E. E. I grau Maria Salomé (Escola Estadual Maria Salomé), a Série que é da 3ª, mês que é fevereiro, e o ano 1977. Este primeiro boletim é referente ao mês de fevereiro; as informações estão em colunas e logo a frente de cada informação está se é masculino ou femininos está assinado pela professora; o 2º Boletim Mensal é do mês de

março 1977; o 3º Boletim Mensal é do mês de abril e o ano 1977; o 4º Boletim Mensal mês de maio; o 5º Boletim mensal é do mês de Junho; o 6º Boletim Mensal mês de julho de 1977. Todos estão assinado pela Professora Aurieta Martins de Souza.

Todos os fotos têm um carimbo do estado em cima com a escrita “Estado de Mato Grosso. Secretaria de Educação e Cultura. Delegacia Regional de Educação e Cultura. Paranaíba – Caixa Posta. O número não está legível, está escrito esta em caixa alta, uma frase embaixo da outra e com um símbolo do estado do lado esquerdo e todas as fotos são em preto e branco.

1º Foto: 01 Foto da fachada do prédio da Escola Maria Salomé.

2º Foto: 01 Foto da Sala de Aula da Escola Maria Salomé.

3º Foto: Foto do sanitário da Escola Maria Salomé.

4º Foto: Foto da cozinha Escola Maria Salomé.

5º Foto: Foto da planta da Escola Maria Salomé.

O diário de classe é do ano de 1977 da 1ª série turma B da Professora Eutália Amaral Silva. Na terceira página há um Termo de Abertura escrito todo em letra maiúscula, constando: “Contém este diário 10 folhas e destina-se ao fim supra indicado para Diário de Classe”; o texto está todo escrito em caixa alta. Neste diário consta o nome de 39 alunos. O diário mostra que houve três dias letivos no mês de fevereiro, pois as aulas tiveram início no dia 24 de fevereiro que foi em uma quinta-feira e na segunda-feira, há o início do resumo de atividades que foram registradas durante o ano.

No Diário de Classe da 1ª Série turma A há na primeira página o termo de abertura; ele teve início no dia 17 de fevereiro de 1977; nesse diário consta o nome de 46 alunos.

Do ano de 1978 localizei 03 fontes sendo 01 livro de ponto, 01 diário de classe, 01 Processo nº 126/78.

O Livro de Ponto nº 7 traz na capa ao centro um papel branco escrito: E.E.I.G. Maria Salomé. A primeira folha é sem número de página e sem margem; na abertura do livro há uma nota escrita com letra a mão constando que as páginas são enumeradas tipograficamente e rubricadas pela diretora e que o livro é destinado para o registro do corpo docente e administrativo da “Escola Estadual de I Grau Maria Salomé”, e está assinado pela diretora. A data inicial das assinaturas é dia 06/03/1978 na página nº 1 a 19/12/1978.

O Livro de Ponto de 1978 começa na página 21 com um termo de abertura explicando que o livro tem 179 folhas numeradas e que começa a partir da página 21 e vai até a página 200. O livro teve início no dia 20 de dezembro de 1978 a 01 de julho de 1980, com a finalidade de registrar a presença dos funcionários e professores. As páginas estão divididas

em quatro, sendo que a parte de cima é dos funcionários do matutino assinar, a parte mais embaixo é do período intermediário, a terceira parte é dos professores do vespertino e na parte de baixo assina a diretora. Do dia 10 ao dia 22 de julho de 1979 da página 74 até 78 há assinatura somente da diretora, e também do dia 26 de dezembro de 1979 da página 136 até a 154 (dia 22 de fevereiro de 1980) também assina só a diretora. Essas respectivas datas coincidem com as férias.

O Processo nº 126/78 é a 2ª Via de uma solicitação para a Reavaliação para o funcionamento de I a IV série na Escola Estadual de 1º Grau Maria Salomé, o documento está dentro de uma pasta que os documentos para a reavaliação de autorização para o funcionamento da escola. Entre os documentos há uma planta da escola e algumas fotos. Esses documentos foram reconhecidos em Cartório. Há também os documentos pessoais da Diretora: comprovante de quitação eleitoral, atestado de vida e residência, atestado de Saúde, atestado de Idoneidade Moral, currículo vitae – pessoal, Administrativo e diploma.

No ano 1980 localizei 33 fontes: 01 livro de ponto, 02 diário de classe, 15 históricos escolares, 15 transferências.

O Livro de ponto tem início na página 14 na data do dia 01 de julho de 1980 e vai até 29 de agosto de 1980 (página 37). A abertura é feita a mão pela diretora. Na abertura está escrito que o livro contém 186 páginas e que todas as páginas são e serão rubricadas pela diretora; especifica que é um livro destinado ao registro de presença do corpo docente da Escola estadual de I Grau Maria Salomé e está sem assinatura da diretora. A página número 15 está dividida em três períodos matutino, intermediário e vespertino e cada período está dividido em duas colunas e em cada coluna estão as disciplinas que foram ministrada.

A transferência é um documento utilizado para mudar um aluno de escola; ela tem todos os dados necessários para que esse aluno possa ser matriculado em outra escola na devida série. Há um emblema do estado em cima do lado esquerdo e na frente está escrito em caixa alta o nome do estado, secretaria da educação e embaixo agência regional de educação e a cidade, mais embaixo está o nome da escola, endereço e a cidade. Logo vem o nome do aluno, nome dos pais, endereço, naturalidade, estado, data de nascimento, de que foi transferido, e o histórico escolar, e as disciplinas que o aluno estudou. Embaixo do quadro do histórico escolar está o nome da escola a cidade, o estado, o ano e o nome da diretora.

3. A ESCOLA MARIA SALOMÉ E A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM PARANAÍBA

3.1 O prédio

O prédio da escola era comum, como visto da Figura 3. A fachada era pintada de branco com uma varandinha e duas janelas (uma janela de cada sala), assim o prédio contava com o 1º e 2º plano; no 1º estava a cozinha e no 2º as salas de aulas. Havia apenas duas salas de aula, uma cozinha e dois mictórios²⁴; não havia muro e a escola era cercada por cercas de arame; as salas de aulas tinham três janelas sendo uma para o lado da fachada (leste) e as outras duas para o fundo (oeste); as salas tinham carteiras de madeiras; na cozinha era a sala dos professores e diretoria.

Figura 5. Primeiro e segundo plano da Escola Maria Salomé



Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977).

Nessa Figura 5 podemos ver como era a escola pelo fundo; é por essas portas que ficam para o fundo da escola que as crianças entravam, e na imagem há também um poço. Observando a Figura 4 vemos que na planta da escola há um poço dentro da cozinha e na Figura 5 há um poço no quintal. Será que esse poço era realmente dentro da cozinha? Ou será que há dois poços?

²⁴ Eram os sanitários; não havia banheiro como nos dias de hoje.

Nas Figuras 6 e 7 há uma sala de aula e o sanitário da escola, respectivamente.

Figura 6. Sala de aula (1977)



Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977)

Figura 7. Sanitário (1977)



Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977)

Na Figura 6 podemos observar como eram as salas de aulas; se vê uma lousa com atividades de matemática, fotos de índios acima da lousa e uma bandeira do Brasil; as carteiras são individuais e de madeira; há, também, um armário. Observando a Figura 6 percebe-se que as carteiras estão todas enfileiradas. A bandeira exposta na lousa refere-se à importância que os símbolos da pátria continham naquele momento histórico.

Na Figura 7 estão os mictórios: um cômodo pequeno pintado de branco com portas de madeira. Nesse período era muito comum o uso desse sanitário. Será que está escola teve algum problema em relação a alguma criança cair dentro dele, sabendo que havia uma brecha no chão do sanitário? Será que este sanitário era higiênico? Na imagem não se vê uma torneira por perto. Será que havia uma torneira onde as crianças pudessem lavar sua mãos? Sabemos que hoje nas escola mesmo os banheiro sendo ditos “apropriados” em muitas escolas carece a higiene.

3.2 Os professores e funcionários

Em livros de pontos, livros de atas e livros de ocorrências entre o ano de 1955 a 1980 encontrei nomes de algumas professoras que fizeram parte deste período de escolarização da Escola Maria Salomé, e organizei o Quadro 2, em ordem cronológica de início da atividade docente.

Quadro 3. Professoras da Escola Maria Salomé (1955 - 1980)

Nome	Período
Neusa Barbosa	1955
Inácia Maria da Costa Lima	1956
Carmina Ferreira Freitas	1961 a 1968
Aparecida Alves de Souza	1964
Nadi Chaves da Silva	1967
Maria Conceição Correia	1972 a 1973
Terezinha Garcia de Freitas	1972
Toyoko Kobayashi	1972 a 1978
Guilherma Aparecida Chaves Antunes	1972 a 1973
Euslene Chaves da Silva	1972 a 1977
Aurieta Martins de Souza	1976 a 1977
Maria da Luz Sanches Rosa	1976
Marlúcia Lopes da Silva Marques	1976
Vera Lucia Ovídio	1976
Eutália Amaral Silva	1977 a 1980
Jorgina Anhe Cortês Otahara	1977 a 1978
Julia Marta Rodrigues Lopes ²⁵	1977
Katia Carvalho	1979
Maria Célia R. Souza	1979 a 1980
Sonia Maria Lemos de Faria	1980

Fonte: ESCOLA JOSÉ GARCIA LEAL; ESCOLA MARIA SALOMÉ (1955 a 1980).

²⁵ Esta professora assinou o livro de ponto do ano de 1977, somente no mês de outubro.

No Quadro 2, organizei os nomes das vinte professoras que fizeram parte do corpo docente dessa escola. Observa-se que os nomes das professoras Neusa Barbosa, Inácia Maria da Costa Lima e Nadi Chaves da Silva estavam no livro de posse, e Carmina Ferreira Freitas e Aparecida Alves de Souza, encontrei no Livro de Ata da Escola José Garcia de Freitas, as demais, fiz um levantamento nos livros pontos da Escola Maria Salomé.

Nessas mesmas fontes localizei também com nome de outras pessoas que também fizeram parte dos funcionários dessa escola.

Quadro 4. Funcionários da Escola Maria Salomé (1962-1980)

Nome	Cargo ocupado	Ano
Olivia Macedo de Jesus	Contínua	1962
Nadi Alves da Silva	Secretária	1972
Nádia Maij Agi	Diretora	1972
Sandra Agi	Diretora	1976 a 1978
Odete Aparecida de Freitas	Secretária	1977
Edna Pereira Mello	Supervisora	1978
Eva Ferreira Franco	Auxiliar Administrativo (matutino)	1978
Ivone Leal Lopes	Diretora	1978
Eva Ferreira Franco	Auxiliar administrativo matutino	1978
Geraci Candida Oliveira	Auxiliar administrativo (vespertino)	1978
Divina ??? ²⁶	Servente	1978
Helena Maria Castro	Diretora	1979
Nadi Chaves da Silva	Diretora	1980

Fonte: ESCOLA JOSÉ GARCIA LEAL; ESCOLA MARIA SALOMÉ (1955 a 1980).

No Quadro 3 estão os nomes dos funcionários entre diretores, supervisores, auxiliar administrativos, servente, contínua e secretária, que trabalharam nessa escola entre o ano de 1962 a 1980. Esses nomes foram retirados dos livros de pontos da Escola Estadual Maria Salomé. A professora e funcionária, Nadi Chaves da Silva, segundo anotações das fontes começou a trabalhar na escola no ano de 1962, e em 1972 ela passou a exercer o cargo de

²⁶ Dessa funcionária não há nenhum registro encontrado que tinha sua assinatura como nome e sobrenome.

secretária, logo em 1980 ela passou a ser a diretora da escola. Percebe-se no Quadro 3 que não há uma data contínua dos funcionários, pois as fontes encontradas não são contínuas, não há livros de ponto de todos os anos, muitas fontes foram extraviadas ou “destruídas” todas as datas postas do Quadro foram retiradas de fontes que dão suporte para fazer o cronograma de funcionários. Alguns funcionários não foram colocados no quadro por não ser possível decifrar as assinaturas.

3.3 Os alunos

Com base no livro de Registro de Matrícula de 1966 a 1975 pude perceber que os alunos dessa escola tinham a faixa etária de 06/07 a 14 anos, tendo em vista que nesse período a educação não era obrigatória mas sim um direito, de acordo com o Art. 168 da Constituição de 1967 “a educação é um direito de todos”, mas ela só passou a ser obrigatória para crianças de 07 a 14 anos a partir da reforma da Lei de Diretrizes e Bases de 1971. Esse é uma dos motivos de ter tantas crianças em idades avançadas matriculadas, na 1ª série.

No Quadro 4 está a quantidade de alunos matriculados na Escola Maria Salomé no período de 1966 a 1975.

Quadro 5. Alunos matriculados (1966-1975)

Alunos matriculados							
Ano	1ª Série A	1ª Série B	1ª Série C	2ª Série	3ª Série	4ª Série	Total
1966	79	30	30	18	04	-	161
1967	81	16	21	36	04	-	158
1968	114	22	27	20	-	-	183
1969	93	14	44	48	26	02	227
1970	121	08	29	65	31	10	264
1971	81	09	21	63	18	17	209
1972	73	-	-	89	39	23	232
1973	43	-	-	40	24	26	133
1974	50	-	-	25	26	14	115
1975	43	-	-	42	22	15	121
Total	778	99	172	448	194	107	1803

Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1966 – 1975).

Observa-se que no Quadro 4, estão todos os alunos que foram matriculados nos anos de 1966 a 1975, mesmo essa escola tendo sido criada no ano de 1955 não encontrei nenhuma fonte relacionada aos alunos antes de 1966. Nota-se que essa escola funcionava de acordo com a demanda escolar de seu alunado, pois no ano de 1966 foram matriculados na 1ª série 139 alunos divididos entre 1ª série “A”, “B” e “C”, e no ano seguinte apenas 36 desses alunos foram para a 2ª série, o mesmo aconteceu com a 3ª série em que de 18 alunos matriculados em 1966 na 2ª série apenas quatro passaram para a 3ª série, sendo que nesses anos não há 4ª série, o que se entende é que não havia alunos da 4ª série; já a partir do ano de 1969 passou a haver alunos na 4ª série, mesmo sendo um número baixo de alunos, e essa demanda de alunos começou a aumentar.

Nota-se que há um grande aumento de matrículas na 1ª série até o ano de 1971, mas há uma evasão muito grande desses alunos. Qual seria o motivo dessas crianças não serem matriculadas na escola? Seria uma falta de preocupação por parte dos pais de escolarizar essas crianças? Em alguns casos há nos registros de matrículas que pais matriculam mais de um filho de idades variadas entre 07 a 14 anos todas na 1ª série, e que muitas dessas crianças não tinham certidão de nascimento.

De acordo com registro no livro de Registro de Matrícula, em 1972, a escolarização dessas crianças começou a fluir melhor, tendo em vista que já havia um número mais regular de matrículas e menos evasão; havia menos alunos sendo matriculados na 1ª série e mais alunos matriculados nos anos seguintes. E esta escolarização começou a fluir melhor dando melhor sequência aos estudos até a 4ª série. No ano de 1973, houve uma quantidade considerável de alunos matriculados na 2ª série, e nas séries seguintes, também, logo, por esse quadro se compreende como era difícil a escolarização desse período; os pais matriculavam seus filhos, mas muitos desistiam. Qual o motivo dessa desistência? Será por esses alunos terem que trabalhar para ajudar a sustentar a casa? Levando em conta que de acordo com as fontes esse alunado pertencia à classe média baixa, sendo a maioria dos pais lavradores e mães domésticas, uma vez que esta escola estava situada em uma zona rural que logo passou a ser reconhecida como Bairro Maria Salomé.

Com o baixo nível de alunos matriculados na 3ª e 4ª série é possível afirmar que em determinados momentos essa escola funcionou com salas multisseriadas, pois em certos

períodos havia apenas dois alunos de séries distintas em salas com um grande número de alunos de 1ª série²⁷.

Em 1976 a Escola Maria Salomé passou a ser denominada Escola Estadual de I Grau.

Localizei diários de classe, sendo três de 1977, um de 1978 e dois de 1980.

Quadro 6. Alunos matriculados e transferidos (1977 – 1980)

Ano	Diários	Alunos Matriculados	Alunos Transferidos	Total
1977	1ª série A	46	11	35
	1ª série B	39	02	37
	3ª série	36	11	34
1980	2ª série	31	02	30
	2ª série A	31	01	30
	2ª série A ²⁸	32	02	31

Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977 – 1980).

Visualizando o Quadro 5 dá-se conta de que havia muitos alunos matriculados, porém em 1977 só se pode fazer o levantamento de alunos matriculados na 1ª e 3ª série por serem os únicos dados encontrados, e já no ano de 1980 me deparei com um obstáculo: os três diários localizados pertencem a mesma sala, um deles vai até o mês de maio e os outros dois seguiram até dezembro, o que encontrei foram dados que me permitem afirmar que em 1980 essa escola funcionava em três períodos, matutino, intermediário e vespertino, pois um dos alunos transferidos foi para o período intermediário. E o dado que tenho sobre os alunos finaliza com as transferências coletivas.

Em 1980 ao finalizar o ano todos os alunos foram transferidos para a Escola Estadual Antonio Garcia de Freitas²⁹, contando com o total de 141 alunos, sendo 22 alunos da 1ª série A, 39 alunos da 1ª série B, 29 alunos da 2ª série, 35 alunos da 3ª série, 16 alunos da 4ª série.

²⁷ Não consegui entender como era classificados as divisões de 1ª série A, B e C.

²⁸ 2ª série, porém nos três estão o nome dos mesmos alunos, No diário da 2ª A há um aluno a mais, percebe-se que no 2ª série inicia-se uma sequência de falta da professora e no mês de maio encerra-se o diário.

²⁹ Neste período a Escola José Garcia Leal entra em reforma para ampliação do prédio e os alunos são transferidos para o prédio da Escola Antonio Garcia de Freitas e junto com esses alunos foram os alunos da Escola Maria Salomé e o prédio foi fechado.

3.4 Aspectos da escolarização de crianças na Escola Reunida Maria Salomé

A Escola Maria Salomé que funcionou de 1955 a 1980 recebeu muitas crianças de idade variada entre 06 e 14 anos. Ela funcionou por 25 anos; várias crianças e adolescentes passaram por ali; nesse decorrer dos anos, leis foram criadas e mudadas, até o estado mudou de denominação. Ela iniciou como escola reunida rural e veio a ser de escola estadual de I grau.

Antes de 1977 não tenho documentos de disciplinas trabalhadas pela escola, mas de acordo com Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1971 a grade escolar era; Comunicação e Expressão, Estudos Sociais, Ciências, Estudos obrigatórios (art. 7 de lei 5692/71).

A Figura 8 e é o quadro curricular de 1977. Como já foi mencionado nessa Figura os conteúdos eram os normatizados na Lei nº 5672/71.

FIGURA 8. Quadro Curricular 1977

est. 1977 Maria Salomé

QUADRO CURRICULAR - ANO - 1977

NÚCLEO COMUM	CONTEÚDOS ESPECÍFICOS	PARTE DIVERSIFICADA/FORMAÇÃO ESPECIAL												
		1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª					
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	Língua Portuguesa	5	5	5	5	4								
	Língua Estrangeira				1	1	2	2			2			
Estudos Sociais	História				3	2	2	2						
	Geografia	3	3	4	4	2	3	2				1	2	
Ciências	O.S.P.B.							2						
	Matemática	5	5	5	5	4	4	5						
Estudos Obrigatórios do Art. 7º	Ciências Físicas e Biológicas e P.Saúde	2	2	3	3	3	3	2			2			
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3						
Sócio	Educação Artística	2	2	2	2	2	2	1						
	Educação Moral							2						
Sub Total	Ensino Religioso	1	1	1	1	1	1	1						
										Sub Total	2	2	1	2
										Total	26	26	26	26
	Sub Total	21	21	22	22	24	24	24						

Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1978).

Nesse quadro da Figura 8 estão todas as disciplinas do art. 7 da lei de 5672/71, mas algumas dessas disciplinas³⁰ não eram trabalhadas na Escola Maria Salomé, pois a escola atendia somente alunos de até a 4ª, e nesse quadro curricular estão todos os conteúdos e carga

³⁰ Disciplinas como História, Língua Estrangeira, O.S.P.B, Educação Moral e Cívica não estavam na grade curricular da Escola Maria Salomé, pois esta escola atendia alunos até a quarta série a qual não trabalhava as disciplinas citadas.

horária semanal até a 8ª série. Nas séries de 1ª a 4ª série a disciplina de Língua Portuguesa era de 5 horas/aula semanais. Geografia 1ª e 2ª série 3horas/aula/semanais, 3ª e 4ª série 4horas/aula/semanais. Matemática 1ª série 3horas/aulas/semanais e 2ª, 3ª e 4ª série 5horas/aula/semanais. Ciências Físicas Biologia e P. Saúde na 1ª e 2ª série 2horas/aula/semanais e 3ª e 4ª série 3horas/aula/semanais. Educação física 3horas/aulas/semana, Educação artística 2horas/aula/semana e Ensino religiosa 1horas/aula/semana para todas as séries1ª a4ª. Ao todo somava a quantia de 1ª e 2ª série 21 horas/aulas por semana e 3ª e 4ª 23horas/aulas por semana.

No Quadro 6 estão organizados os conteúdos registrados na 1ª A (1977), 3ª (1977) e 2ª A (1980).

Quadro 7. Conteúdos das disciplinas do currículo da Escola Maria Salomé

Disciplinas	1º A Série/ 1977	3ª Série/1977	2ª A Série/1980
Língua Portuguesa	Exercício de coordenação Motora, Conjuntos, Vogais e Sílabas, Plural e Singular, Feminino, Masculino, Alfabeto Minúsculo e maiúsculo, Grau do Substantivo, Próprios e Comuns, Diminutivo, Aumentativo, Formar oração, uso de M e N, Substantivo Derivado, Palavras monossílabas, acento agudo e Circunflexo, Interpretação de texto, Frases Interrogativas, Exclamativas, e Afirmativas, Encontro vocálico e consonantal, Antônimo, Ditado, leitura, Proclamação da República, Folclore.	Substantivo, Argüição, Estudo Dirigido, Coletivos, Gênero do Substantivo, Numero do Substantivo, Leitura A Pombinha, Comentário da Pesquisa Feita pelos Grupos, Exercícios dos Livros (Português – Matemáticas), Leitura: Festa no Brejo, Leitura, Uma Travessura, Gênero e Número do adjetivo Leitura O Macaco e o Coelho, Grau do Adjetivo, Artigo, Numeral, Pronomes, Debate, Redação, Comemoração do Tiradentes, Descobrimto do Brasil, Comemoração Retomada de Corumbá, Comemoração a São João, Abolição dos Escravos.	Diminutivo, Antônimo, Ditado, Vogais, Formar palavras, Cópia, Consoante, Alfabeto, Separar sílabas, Completar, Formar palavras, Emprego do M (antes do p e b), Formar frase, Completar com vogais ou consoantes, Nomes próprios, comuns, plural, Masculino e feminino, Encontro vocálicos e consonantais, Completar com M ou N, Diminutivo, Escrever nomes de pessoas, cidade e frutas, Interpretação de texto, Classificação das palavras, Sinais de pontuação, Palavras trissílabas, Frases exclamativas, Ditado, Cedilha, Cópia, Sinais de acentuação, Dar o primitivo e o derivado, Leitura individual, Sinônimo e aumentativo, Bilhete, Verbo amar, cantar, comer, falar, palavras cruzadas, Cópia dos poemas, Ditado ortográfico, Poesia, Comemoração do Folclore, Semana da Criança, Comemoração

			do dia da criança.
Geografia	Sinais de Trânsito, O Município, Meios de Transporte, Rua onde moramos, Os vizinhos da escola, Educação Moral – Os Guardas de Transito, educação no lar, Respeito às Autoridades, Os deveres do bom aluno.	O Município, Os municípios do estado, História do Município, Princípios Atividades econômicas do Município, Indústria e Comercio de Paranaíba, Clima de Paranaíba, Higiene da sala de Aula, Conceito de irmã, direitos e deveres.	Bairro, Sinais de transito, Chuva, Benefícios e prejuízo causado pela chuva, Semana do transito, Água, Pontos cardeais, A família, Nossas amiguinhas, Relacionamento com a comunidade, Porque devemos trabalhar, Semana da pátria, Respeito as autoridades.
Matemática	Noções de Direita e Esquerda, Noções de Maior e Menor, Números Ímpares, e pares, Tabuada, Operações, Subtração, Divisão, Multiplicação Operações Diversas Problemas, Triângulo Retângulo, Dobro, metade, Quadrado, Círculo, Operações, Sinal de > ou <, Algarismos Romanos e Arábicos, Numerais 1 ao 80, Algarismo Romanos de I a X, Dezena, unidade, dúzia, centena, igual e diferente, noções de hora.	Adição de Fração, Multiplicação, Leitura de 0 a Milhão, Subtração, Ordinais, Subconjuntos, Valor potencial dos números, valor absoluto, Contas de dividir.	Numerais de 1 a 9, Contar de 2 em 2 até 200, Adicionar ou subtrair, número de 1 a 20, contar de 3 em 3 até 30, Sinal de igual ou diferente, dúzia, Números pares e ímpares, Escreva como se lê, multiplicação, Conjunto de números ímpares, Numerais de 1 a 200, Números ordinais, Multiplicação, dezena, Algarismos, Armar e efetuar continhas, Multiplicação e subtração com prova real, Medida do tempo, Fração, Números de 9 em 9 até 288, Multiplicação e triplo, Dar a nomenclatura, Triangulo, quadrado e retângulo, Quintuplo, Quilos, Metro,
Ciências Física e Biológicas	Plantas – Animais – Verminoses, Vertebrados, Repteis, Ar puro, O tempo e as Suas Mudanças, Animais vertebrados, Os alimentos, Família, Nosso corpo, Dentes, Higiene do lar, Doenças transmitidas por animais, como cuidar Cuidados dos animais, Com Alimentos, Bons Hábitos Alimentares.	Órgão de reprodução, Movimento da Terra, Higiene Dentária, Plantas, Caules, Folhas, Eliminação de pragas caseiras.	Animais vertebrados e invertebrados, os dentes, Dia mundial da saúde, Alimentação do homem, Higiene, Funcionamento do corpo, Os músculos, Vamos conhecer o corpo humano, Debate de ponto de tratamento de água, Movimento da terra, Importância das frutas, Divisão do corpo humano, O que se pode fazer quando alguém for mordido por um cão, Valor das frutas, Evaporação, Doenças contagiosas.

Educação Física	Educação Física	Educação Física	Educação Física
Educação Artística	Pintura, Colagem e Desenho	Desenhos, Confecção Cata Ventos, Confecção do Tapete, Bordado.	Colagem, Desenho livre.
Ensino Religioso	Religião, Fé em Deus, Deus esta presente em todos lugares.	-	Os dez mandamentos, Ave Maria.

Fonte: ESCOLA MARIA SALOMÉ (1977 e 1980).

Os dados do Quadro 5 foram retirados de Diários de Classe e apresentam os conteúdos que foram registrados na 1ª série A pela professora Jorgina Anhe Cortês Otahara (1977), 3ª série pela professora Aurieta Martins de Souza (1977) e 2ª série A Sonia Maria Lemos de Faria (1980). Esse currículo foi utilizado pela Escola Maria Salomé até o ano 1980 quando ela fechou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o desenvolver do texto venho trazendo dados da Escola Maria Salomé³¹, e ao finalizar, vendo tudo o que foi revelado só com os documentos levantados, percebo que a história de uma escola é muito importante para a história da educação de um município. O que me fez pesquisar sobre essa escola foi saber que ela funcionou como um “organismo vivo” e hoje há só as lembranças de quem estudou nela, uma história que se perpetuou por 25 anos esquecida como se nada houvesse acontecido. Não creio que esse deva ser o fim de nossas escolas, esta escola teve vida, e com todos os dados trazidos se vê que ela funcionou a todo vapor em função da escolarização de seus alunos; compreende-se que ela atendia a demanda de seus alunos e que mudava conforme a necessidade. Em alguns livros de ponto estão registrados que ela funcionava em três períodos sendo matutino, intermediário e vespertino, isso tudo pelo grande número de crianças que tinham necessidades de estudar. O processo de letramento foi lento no início, pois mesmo no ano de 1966 que é a data do livro registro de matrícula podemos perceber que ela tinha um grande número de crianças na 1ª série e que no início pouquíssimas chegavam à 3ª série, mas com os dados percebemos que esse processo foi gradativamente positivo.

Iniciou-se em uma zona rural e aos poucos a cidade foi chegando até ela, professores, funcionários e alunos fizeram parte de sua existência e isso tudo estava registro e oculto sem que ninguém se desse conta de que todo processo que essa pequena escola passou: com horário para entrar, lanche e sair, mesmo com apenas duas salas atendia a 180 crianças por dia. Sem refeitório e sem quadra de esporte, os alunos tinham merenda e educação física.

Hoje em seu antigo endereço há uma moderna casa, vizinhos muitos se mudaram, mas alguns ainda seguem ali com suas lembranças.

³¹ Infelizmente não foram encontrados dados sobre a população alfabetizada e analfabeta no período de 1955 a 1980.

REFERÊNCIAS

BAEZA, Teresa Marcela Mesal; MAGNANI, Maria Aparecida Ceravolo Manual de trabalho em arquivos escolares. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/dhe/manual_de_trabalho_em_arquivos_escolares>. Acesso em: 15 abril 2013

BRASIL. Constituição (1967). Lei nº 79 da República e 146 da Independência de 24 de janeiro de 1967. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm> Acesso em 06 nov. 2015.

BRASIL. LDB (1971). Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-legislacao/EDUCACIONAL/NACIONAL/ldb%20n%C2%BA%205692-1971.pdf>> Acesso em 06 nov. 2015.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Memória da escola primária em Paranaíba/MS (1946 – 1971)*. Projeto de Pesquisa. 2012.

_____. Memória da Escola Primária em Paranaíba/MS (1946 – 1971). In: FURTADO, Alessandra Cristina et. al. (Org). *Historia da Educação Escolar: múltiplas fontes, múltiplos olhares*. São Carlos: Pedro & Joao Editores, 2012.

CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana de Paranaíba (de 1700 a 2002)*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. Mato Grosso do Sul, 2002

CASTILHO, Mileidi Ferreira de Castilho. *História da Alfabetização em Paranaíba- MS na Memória de professores*. 130f. Monografia (Especialização em Educação). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, 2013.

DIAS, Nacylta Salgueiro. *Paranaíba, minha querida*. São Paulo: All Print Editora, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar Projeto de Pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. *Mato Grosso do Sul: Aspectos Históricos e Geográficos*. 1. ed. Dourados Mato Grosso do Sul. 2005.

HONDA, Sandra Maria; *História e historiografia da escola primária em Mato Grosso do Sul: levantamento e mapeamento de fontes primárias do Educandário Santa Clara e do Patronato São José de Paranaíba (MS)*. Projeto de pesquisa, 2013.

LEAL, Rute Lemos; *História da escola primária em Paranaíba/MS na memória de professores*. Projeto de pesquisa. 2013.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica e educação. *Historia da educação. ASPHE/FaE/UFPel*, Pelotas(6): 69 – 77, out. 99.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck . Do levantamento de fontes à construção da historiografia. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *Fontes, história e historiografia da Educação*. São Paulo: Autores Associados, 2004.

NEVES, Manoel de Sousa. *Perfil Educacional de Paranaíba-MS*, Paranaíba, Mato Grosso do Sul, 1992.

OLIVEIRA, Izolina Dionizia de; *Memória da alfabetização em Paranaíba/MS (1950-1970)*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba 2013.

PAXECO, Eduardo José. *Escolas Reunidas de Sant'Anna de Paranaíba-MT e as fontes documentais: uma análise de escola primária (1933-1945)*. 2013. 62 f. Monografia (Especialização em Educação). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, 2013.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. *RevistaHiltedbrOn-line*, campinas n. especial, p. 28-35, ago. 2006 – ISSN: 1676-2584.

SILVA, Elizangêla de Rezende; *Fontes para a história da escola primária em Paranaíba/MS*. Projeto de pesquisa, 2013.

SILVA, Marineide de Oliveira UFMT; SÁ, Elizabeth Figueiredo de UFMT. *As escolas rurais de acordo com a legislação mato-grossense*, 2012.

TOLEDO, Cesar de Alencar Arnaut de; GIMENEZ, José Carlos. Educação e pesquisa: Fontes e documentos. In: Casimiro, A. P. B. S. ; LOMBARDI, J.C; MAGALHAES, L. D. R. (Orgs). *A pesquisa e a preservação de fontes para a educação, cultura e memória*. Campinas: Alínea, 2009, p. 109-125.

FONTES DOCUMENTAIS

BOLETIM MENSAL

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Boletim Mensal Março*. Paranaíba, 1977

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Boletim Mensal Abril*. Paranaíba, 1977

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Boletim Mensal Maio*. Paranaíba, 1977

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Boletim Mensal Junho*. Paranaíba, 1977

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Boletim Mensal Julho*. Paranaíba, 1977

DIARIO DE CLASSE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Diário de classe 1º Serie turma A*. Paranaíba, 1977.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Diário de classe 1º Serie turma B*. Paranaíba, 1977.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Diário de classe 3º Serie*. Paranaíba, 1977.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Diário de classe 2º Serie Turma A*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Diário de classe 2º Serie Turma B*. Paranaíba, 1980.

FOTOS

ESCOLA REUNIDA MARIA SALOMÉ. *Foto da cozinha*. Paranaíba, MS, 1977.

ESCOLA REUNIDA MARIA SALOMÉ. *Foto da fachada do prédio*. Paranaíba, MS, 1977.

ESCOLA REUNIDA MARIA SALOMÉ. *Foto da sala de Aula*. Paranaíba, MS, 1977.

ESCOLA REUNIDA MARIA SALOMÉ. *Foto do sanitário da Escola*. Paranaíba, MS, 1977.

ESCOLA REUNIDA MARIA SALOMÉ. *Foto da planta da Escola*. Paranaíba, MS, 1977.

HISTÓRICO ESCOLAR 1º B SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Madalena Martins de Souza*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Sinésio Ferreira Ávila*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Valteir Fabrício Ávila*. Paranaíba, 1980.

HISTÓRICO ESCOLAR 2º A SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Ana Lúcia Mendes da Silva*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Ana Angela Ferreira Hernandez*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Daniel Carolino de Jesus*. Paranaíba, 1980.

HISTÓRICO ESCOLAR 3º SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Wilson Souza da Silva*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Antonio Virgulino do Santos*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Benedito de Souza Azevedo*. Paranaíba, 1980.

HISTÓRICO ESCOLAR 4º SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Cácia Maria da Cunha*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Aparecida de Moura Sobrinho*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Angêlo Alves Pereira*. Paranaíba, 1980.

LIVRO DE ATA

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GARCIA LEAL. *Livro de Ata Nº 5* In:_____. Ata da Escola Rural Maria Salomé. Paranaíba, 1961 – 1964, p. 4.

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GARCIA LEAL. *Livro de Ata Nº 5* In:_____. Ata da Escola Rural Maria Salomé. Paranaíba, 1961 – 1964, p. 47.

LIVRO DE OCORRÊNCIAS

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GARCIA LEAL. *Livro nº 1 Ocorrências*. In_____. Ocorrência da Escola Rural Maria Salomé, Paranaíba, 1968.

LIVRO DE PONTO

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Livro de ponto Nº 1*. Paranaíba, 1972.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Livro de ponto Nº 6*. Paranaíba, 1976 – 1978.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Livro de ponto Nº 7*. Paranaíba, 1978.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Livro de ponto*. Paranaíba, 1978.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Livro de ponto*. Paranaíba, 1980

LIVRO DE POSSE.

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GRACIA LEAL. *Livro de posse nº 3*. In_____. Posse da Escola Rural Maria Salomé. Paranaíba, 1951 – 1967, p. 32.

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GRACIA LEAL. *Livro de posse nº 3*. In_____. Posse da Escola

Rural Maria Salomé. Paranaíba, 1951 – 1967, p. 40.

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GRACIA LEAL. *Livro de posse nº 3*. In_____. Posse da Escola Rural Maria Salomé. Paranaíba, 1951 – 1967, p. 57.

GRUPO ESCOLAR JOSÉ GRACIA LEAL. *Livro de posse nº 3*. In_____. Posse da Escola Rural Maria Salomé. Paranaíba, 1951 – 1967, p. 61.

PROCESSO

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Processo Nº 126/78 – CEE Via. Paranaíba, 1978.*

REGISTRO ESCOLAR

ESCOLA REUNIDA MARIA SALOMÉ. Registro escolar. Paranaíba, MT, 1955.

TRANSFERÊNCIA 1º B SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Madalena Martins de Souza*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Sinésio Ferreira Ávila*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Histórico escolar Valteir Fabrício Ávila*. Paranaíba, 1980.

TRANSFERÊNCIA 2º A SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Ana Lúcia Mendes da Silva*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Ana Angela Ferreira Hernandez*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Daniel Carolino de Jesus*. Paranaíba, 1980.

TRANSFERÊNCIA 3º SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Wilson Souza da Silva*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Antonio Virgulino do Santos*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Benedito de Souza Azevedo*. Paranaíba, 1980.

TRANSFERÊNCIA 4º SÉRIE

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Cácia Maria da Cunha*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Aparecida de Moura Sobrinho*. Paranaíba, 1980.

ESCOLA MARIA SALOMÉ. *Transferência Angelo Alves Pereira*. Paranaíba, 1980.

INSTITUIÇÕES ACERVOS E SITES CONSULTADOS

Arquivo da Escola Estadual José Garcia Leal: Paranaíba, Mato Grosso do Sul, 1955-1980.

Acervo Particular Professora Lourdes Brito, Paranaíba-MS.

Acervo Particular Professora Maria Auxiliadora Malheiros do Amaral, Paranaíba-MS.

Acervo Particular Professora Terezinha Garcia de Freitas, Paranaíba-MS.

Biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS.

SITE. Centro de Referências em educação Mario Covas.

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/dhe/manual_de_trabalho_em_arquivos_escolares.pdf
acessado. Acesso em 05 set. 2015.